

Dividindo a conta



A ópera P-U-N-C-H, apresentada em março no Teatro Renascença, é fruto de trabalho e financiamento colaborativos

Crowdfunding Desde 2011, existe no mercado brasileiro uma forma alternativa de investimento para projetos em diferentes áreas. São as chamadas plataformas de financiamento coletivo. Em três anos, 117 mil pessoas contribuíram com R\$ 15 milhões. Nesse cenário, Porto Alegre é a terceira capital em volume de projetos.

CadernoJU



CORAL DA UFRGS

Juntos em uma trajetória musical

No dia 25 deste mês, o Coral da UFRGS lança o CD *Vox Aurumque*, segunda produção do grupo que reúne professores, alunos, funcionários da Universidade e membros da comunidade. Criado em 1961 pelo maestro Pablo Komlós, o grupo esteve originalmente ligado à Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Anos depois, o Coral adotaria o canto vocal sem acompanhamento como seu estilo característico. O novo álbum foi gravado no Santuário São Rafael e Bárbara Maix, em Porto Alegre, e reúne 13 faixas com repertório erudito e popular. Fazem parte da seleção peças dos compositores John Dowland, Billy Joel e Claudio Monteverdi. A apresentação de lançamento será no Salão de Atos da reitoria, às 19h, com entrada franca. **P7**

PÓS-GRADUAÇÃO

A difícil costura das ideias para chegar ao texto final

P8

Internet

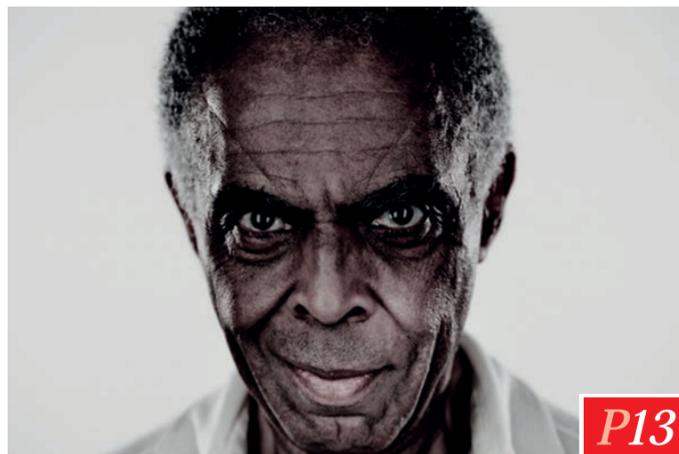
Rede completa 25 anos com interatividade ampliada **P5**

Brasil

Cresce intercâmbio diplomático com países emergentes **P10**

Gilberto Gil: da internet ao samba

A fala suave de Gilberto Gil está muito longe de caracterizar o perfil de alguém que cruzou a casa dos 70, especialmente quando argumenta fortemente sobre temas como o marco regulatório da web, inclusão e preconceito. O músico, que vem a Porto Alegre para ministrar aula-espetáculo dentro das comemorações dos 80 anos da UFRGS, concedeu entrevista ao Jornal da Universidade. Ele também refletiu sobre as consequências do exílio para sua carreira e comentou sobre a proposta de seu novo disco *Gilbertos Samba*.



P13



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Tempo e trajetórias

As relações da Universidade com a sociedade são múltiplas e complexas. Formar e qualificar pessoas, refletir e gerar novos conhecimentos são, provavelmente, as mais visíveis e apontam para o futuro.

Mas, para uma instituição centenária como a UFRGS, a reflexão sobre o trajeto já percorrido e sobre os fatos que marcaram essa caminhada é também uma forma de aprender. Assim, aperfeiçoar o que já fizemos e empreender, sempre com vistas aos avanços que a contemporaneidade exige, é o que une, em nosso caso, a tradição à inovação. Homenagear e premiar aqueles que influenciaram essa trajetória de excelência acadêmica, portanto, reforça esse nosso pensamento.

Em abril, a Universidade entregou o título de Doutor Honoris Causa ao escritor italiano Umberto Eco, um dos maiores intelectuais da atualidade. Reconhecido internacionalmente por romances como *O Nome da Rosa* e por estudos sobre estética,

semiótica, filosofia da linguagem e teoria da literatura, o autor é frequentemente homenageado em diversos lugares do mundo, mas esta é a primeira honraria do estilo feita por uma instituição brasileira. Em uma iniciativa inédita, a UFRGS fez a entrega dessa distinção fora de sua sede. A cerimônia de outorga foi realizada na Embaixada do Brasil em Roma, no dia 11, e transmitida via internet para a Sala dos Conselhos da Universidade, devido a problemas de saúde do homenageado.

Ainda no mês de abril, a UFRGS concedeu seu primeiro título de Notório Saber ao homenagear o arquiteto, designer e professor Norberto Bozzetti, um dos pioneiros do design no Rio Grande do Sul. O diploma reconhece a trajetória de Bozzetti, iniciada na década de 1960, quando concluiu sua graduação em nossa Faculdade de Arquitetura.

Dando sequência às comemorações pelos 80 anos da UFRGS, a vinda do cantor e compositor Gilberto Gil para uma aula-

espetáculo no Salão de Atos, no dia 4 deste mês, é também pretexto para uma reflexão sobre o percurso humano e artístico de um dos maiores músicos da MPB. Em uma conversa conduzida por Flávio Azevedo e entremeada pelas músicas que marcaram sua carreira, Gil vai falar das histórias contextuais dessas canções e das experiências que viveu.

Expor o dia a dia, os projetos e os experimentos desenvolvidos no ambiente universitário é também o objetivo do *Portas Abertas*, evento que a UFRGS realiza tradicionalmente em maio. No dia 17, todas as unidades acadêmicas estarão prontas para receber estudantes do Ensino Médio, suas famílias, professores e pessoas da comunidade que tenham interesse de ver de perto o que esta grande universidade produz. Nesse encontro, espera-se lançar a semente do sonho naqueles que um dia poderão estar aqui e fazer parte de nossa comunidade acadêmica.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Ánia Chala, Cassiano Kuchembecker Rosing, Cida Golin, Luiz Carlos Pinto, Michéle Oberson, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer, Temístocles Américo Corrêa Cezar

Editora Ánia Chala

Subeditora Jacira Cabral da Silveira

Repórteres Ánia Chala, Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira, Marcelo Igor de Sousa e Samantha Klein

Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (CADERNO JU)

Diagramação Kleiton Semensatto da Costa

Fotografia Flávio Dutra (Editor) e Ramon Moser

Revisão Antônio Paim Falcetta

Bolsistas Gabriel Brum, Laura Pacheco dos Santos, Martina Nichel, Manoella Van Meegen e Thais Bueno Segantredo (Jornalismo)

Circulação Vanessa Gastal Fernandes

Fotolitos e impressão Gráfica da UFRGS

Tiragem 14 mil exemplares

jornaldauniversidade

UFRGS Portas Abertas 2014

No próximo dia **17 de maio** venha conhecer as instalações, os cursos e os projetos de ensino, pesquisa e extensão que a Universidade desenvolve. **A entrada é franca.**

Acesse o site www.ufrgs.br/portasabertas e confira a programação completa.

Artigo

Imagem pública e democracia (em 1964 e 2014)

Governos e regimes se apoiam em legitimidades que vão além das regras e leis formais das instituições. Uma dessas normas implícitas de melhor manutenção no poder é a produção de uma imagem pública positiva. Dos conselhos de Maquiavel ao nobre de Florença, passando pelo tempo do Rei Sol, na França, os poderosos ocuparam-se em pensar meios de acalmar os súditos (e, posteriormente, os cidadãos), trabalhando positivamente suas imagens. Com o advento da imprensa, esta passou a responder por uma “opinião pública” que estaria representada nos jornais e, depois, nas telas, fiscalizando e cobrando dos políticos, colocando óbices e dificultando a aceitação sem críticas dos discursos do poder. Por outro lado, os institutos de sondagem mostram que nem sempre uma ideia apresentada pela mídia corresponde ao que é captado nos questionários dirigidos à população. Essa breve introdução é necessária para se pensar o que aconteceu em 1964.

Até pouco tempo, dizia-se que o golpe ocorrido naquele ano teve a opinião pública como uma das responsáveis pela deposição de João Goulart, devido à aceitação de que ele seria um comunista e que nem a esquerda nem a direita davam sinais de confiar no pre-

sidente. Porém, recentemente, divulgaram-se pesquisas segundo as quais Jango teria boa aprovação pela população brasileira. De acordo com o historiador Moniz Bandeira, 76% defendiam Goulart. Como, então, o presidente foi deposto sem resistência popular e por que sua imagem contraditória entrou para a história? Uma hipótese serve para refletir: àquela época, insistindo em falar em nome do povo, os meios de comunicação conseguiram criar a imagem de um presidente não respaldado pela população e deram aos militares importantes aliados (que se somaram a partidos e políticos conservadores). O fato de que a defesa da democracia ainda não era aspiração comum da esquerda e da direita também ajudou a legitimar mais rapidamente o golpe. A soma das circunstâncias favoráveis ao interregno democrático foi simples: “Presidente fraco e comunista” mais a ausência da imagem da democracia como panaceia para os males da política (algo que passou a se desenhar no horizonte político brasileiro com a queda da luta armada da esquerda).

Revisitar o passado é importante para evitá-lo (principalmente porque ele se repete como tragédia ou farsa, para lembrar Marx). E 1964 deixou algumas lições. A primeira

delas, que o poder surge de distintos lugares, sem a necessidade da institucionalização, encontrando na mídia um locus privilegiado. A segunda, que imagens positivas sobre a necessidade de partidos, eleições, movimentos sociais e da democracia, em si, ajudam a preservar esta. Para romper com um regime ou recrudescer a violência do Estado, é necessário que circulem, socialmente, imagens públicas que legitimem essas medidas, como a do comunista outrora (direcionada ao presidente e a militantes) ou a do vândalo atual, que abarca tantos significados, em uma tentativa clara, como já dito por alguns analistas, de criminalizar os movimentos sociais.

Em tempos em que a sociedade de massa se vê convertida em uma sociedade de mídia, torna-se nítida a atuação dos veículos de comunicação (em especial da TV) na construção de imagens públicas da política e do social. Entretanto, o acesso às mídias não é apenas uma prerrogativa das elites. As redes sociais emergem como mais do que entretenimento, com funções políticas, de produção de contradiscursos e contraimagens. 2014 pode usar o passado e as novas tecnologias para superar resquícios de uma cultura autoritária. Mas é preciso ir além daquelas e

construir novos lugares de enunciação capazes de confrontar a grande mídia. Os desafios dos movimentos sociais permanecem sendo o de convencer outras parcelas da sociedade de que eles são necessários e o de criar a imagem de que uma sociedade igualitária depende de atores que nem sempre estão no Executivo e no Legislativo.

Longe de proteger a população, ao criminalizar os movimentos sociais, a pretensão do governo, da mídia (e dos demais setores que fazem parte da elite do poder) é criar pessoas passivas, capazes de aplaudir o evento da Copa e relegar ao segundo plano a análise crítica, a disputa de ideias conflitantes, defendida por Chantal Mouffe como elemento essencial de uma democracia moderna.

Sem a reivindicação dos direitos, a luta pela imposição de sentidos continuará a ser travada por velhos atores, e a opinião popular relegada, mais uma vez, ao exame da história. Se esta ensina, a defesa de uma democracia efetiva – para além da realização de eleições e do funcionamento de instituições públicas – deveria ser preocupação fundamental.

Joyce Miranda Leão Martins
Mestre em Sociologia pela UFC e doutoranda em Ciência Política - UFRGS

► Redação Samantha Klein | Sugestões de matérias para esta página podem ser enviadas para o e-mail jornal@ufrgs.br

FLÁVIO DUTRA/JU



Em seu ateliê, em Porto Alegre, o artista revela que a vivência no campo foi a base para o desenvolvimento da arte que produziu

Percurso de um escultor

Em resina e cor
Mostra que estreia na Sala Fahrion destaca a obra de Luiz Gonzaga

Encantado pela força e pela delicadeza das formas naturais, o escultor Luiz Gonzaga Mello Gomes faz de seu trabalho uma ode à natureza em simbiose com as formas humanas. As cores na escultura são uma marca do artista, além da obsessão pela frontalidade das obras. Essas são referências à arte egípcia, admiração que ele cultivava desde a juventude. As esculturas que estiveram em diversas exposições no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, além da XXI Bienal Internacional de São Paulo, agora poderão ser vistas também na Universidade a partir do dia 13 deste mês.

Gonzaga, que foi professor do Instituto de Artes da UFRGS, será o homenageado da edição 2014

do projeto *Percurso do Artista*. A exposição reúne quase 50 peças de colecionadores de Porto Alegre com a curadoria de Blanca Brites. O objetivo é resgatar o material do início da carreira até obras mais recentes que consagraram o escultor. “É um presente que recebo, já que faz um tempo desde a última mostra. Vou rever muitas peças do início da minha trajetória, e isso é muito gratificante como artista que foi também professor”, destaca Gonzaga.

A partir de sua terra natal, em Júlio de Castilhos, na região central do estado, Gonzaga sempre buscou os elementos da natureza para criar. Entre os quatro irmãos, foi o último a deixar a fazenda que pertencia à família no município de Tupanciretã. Somente com onze anos foi à escola e não se arrepende, mesmo sendo a matemática uma dificuldade quase intransponível. Mas ele não se preocupa com isso porque a vivência no campo foi a base para o desenvolvimento da arte que produz. Se para o cálculo os conhecimentos são reduzidos, em relação às proporções não há a necessidade de esboço prévio.

O contato com a escultura foi

praticamente acidental: “Tomava um banho de rio e senti uma bola oleosa sob os pés. Percebi que era argila e moldei, mesmo sem conhecimentos de proporção, uma cabeça como se fosse a de um homem”, lembra. Essa primeira obra foi perdida, mas assinalou o passo inaugural para a definição da carreira.

Após a formação no Instituto de Artes, na década de 1960, os estudos na Escuela de Bellas Artes em Madri moldaram o caminho de um estilo próprio. “A inspiração na natureza foi consolidada lá na Espanha com o incentivo de um dos professores, já que no início da carreira tinha como modelos Picasso e Chagall. A referência à natureza e à arte indígena se tornaram fontes de inspiração porque sempre achei impactante a beleza com que os índios trabalham e transformam em arte conchas, sementes e plumaria”, destaca. Não é à toa que algumas esculturas podem ser interpretadas como frutos da terra ou fases do dia. A natureza na obra de Gonzaga também evoluiu para as formas humanas. O corpo da mulher é antropomórfico, cheio de vida e cor.

Um dos primeiros artistas a fazer escultura com resina na região Sul aprimorou a técnica a partir de experimentos no próprio ateliê. O material foi eleito quando ainda estudava em Madri. Gonzaga conta que primeiro faz moldes de barro e gesso para depois aplicar a resina que compõe as esculturas.

Prestes a completar 74 anos, o artista pretende se aventurar no desenho e na pintura. Para a exposição prevista para outubro na Pinacoteca Aldo Locatelli, no Paço Municipal, ele planeja reunir 17 esculturas, quadros e, talvez, litogravuras. “Ainda não sei o que vai sair nessa tela”, diz ao apontar para imensa tela branca de 2,5m x 2,5m. “Com as esculturas, vou reunindo os elementos mentalmente e vou moldando a peça. Com a tela será um pouco diferente, vou desenhar antes.” O artista dá pistas sobre a manutenção do viés natural. “Por mim, moraria no mato. É disso que gosto.”

A mostra *Percurso do Artista*, que celebra o trabalho de Luiz Gonzaga, tem curadoria de Blanca Brites e pode ser visitada até 17 de outubro na Sala Fahrion, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h. Entrada franca.

Dimensões do Tempo, Memória e Esquecimento

Palestra com Lorena Holzmann

No próximo dia 14, a socióloga e professora Lorena Holzmann, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, participa do ciclo de Conferências UFRGS, que nesta edição tem como tema “Passado mais que presente”. A proposta é mostrar o quanto ações, ideias e realizações ocorridas há tempos continuam presentes no contexto da Universidade. A respeito do enfoque de sua palestra, Lorena adianta que vai abordar as dimensões do tempo, memória e esquecimento, refletindo sobre a evolução dos recursos adotados pelo homem para preservar a memória dos acontecimentos passados. A partir dessas considerações, a pesquisadora propõe a análise de dois movimentos contraditórios do Brasil contemporâneo: a luta para preservar a memória e os esforços para esquecer o passado. O encontro ocorre na Sala II do Salão de Atos, às 19h, com entrada franca. Informações pelo telefone 3308-3933.

Fronteiras do Pensamento

Salman Rushdie abre ciclo

A oitava edição do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento estreia neste mês com dois convidados: o escritor britânico Salman Rushdie, no dia 12, e o filósofo político Michael Sandel, no dia 26. Autor de *Versos Satânicos*, livro lançado em 1989, Rushdie sentiu na própria pele as consequências do fundamentalismo: o Aiatolá Khomeini, líder do Irã à época, considerou a obra uma blasfêmia contra o Islã e condenou o autor à morte. Como resultado, Rushdie foi forçado a viver no anonimato por muitos anos. Já Michael Sandel, reconhecido mundialmente pelo curso “Justiça”, que ministra na Universidade de Harvard, vem sustentando que a economia de mercado é uma fonte inigualável de progresso, mas também de desigualdades injustificáveis, privações e patologias sociais. Para ele, é preciso pensar sobre o que o dinheiro não pode comprar. As palestras serão realizadas no Salão de Atos da UFRGS, às 19h45. Informações pelo telefone 3019-2326.



Pesquisa em Pauta

Saúde dentro da água

Fazer esportes sentindo menos os impactos negativos no corpo, como dores e cansaço, e ainda reduzir o risco de lesões. Esse deve ser o sonho de todos os atletas profissionais, amadores e de pessoas que querem começar uma atividade física. De acordo com os estudos do Grupo de Pesquisas em Atividades Aquáticas e Terrestres (GPAT), a água é o ambiente ideal para a realização do desejo de se movimentar sem sentir dor. Para explicar o assunto, o programa Pesquisa em Pauta apresenta uma entrevista com o professor Luiz Fernando Martins Kruehl, coordenador do GPAT.

O Grupo estuda o movimento humano em diferentes ambientes com diversas populações – gestantes, idosos, asmáticos, portadores de síndrome de Down –, a fim de prescrever o melhor tipo de exercício para cada indivíduo. Kruehl explica que essas pesquisas provaram que as atividades físicas feitas na água são melhores para qualquer tipo de pessoa. Não somente o atleta, mas qualquer indivíduo terá o risco de lesões em membros inferiores reduzido com a diminuição do estresse articular proporcionado por atividades terrestres.

Em 2012, ele conquistou o Prêmio Jovem Cientista na área de Inovação Tecnológica em Esporte pelo seu trabalho de avaliação e prescrição de exercícios eficientes e de baixo custo para o público geral. “Fiquei extremamente contente de ter recebido esse prêmio, mas ele não é um prêmio particular, é para todo o meu grupo de pesquisa, para a ESEF e para a UFRGS”, afirma.

As atividades do GPAT integram a pesquisa, o ensino e a extensão. Atualmente, o Grupo possui 48 integrantes. Entre eles, estão alunos de iniciação científica, mestrado, doutorado e bolsistas de extensão. “O estudante aprende a dar aula, atende ao público nos projetos acadêmicos e coloca em prática conceitos teóricos do curso. Mas, se ele quiser ir para um mestrado ou doutorado, estará pronto para desenvolver pesquisa”, conclui.

Ludmila Cafarate, *estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico*

Assista aos programas

O programa Pesquisa em Pauta sobre o GPAT será exibido no dia 15 de maio, às 20h, com reprise às 23h, na UNIV, canal 15 da NET POA.



Função institucional do STF

José Néri da Silveira*

Esclareça-se, por primeiro, que a finalidade desta exposição não é a análise das diversas competências que a Constituição confere ao Supremo Tribunal Federal, em seu art. 102 e parágrafos. Limita-se o conteúdo do artigo a uma breve nota a respeito do sentido institucional da Suprema Corte do Brasil na função de controle que desempenha “na dialética das forças políticas do Estado”, adotada aqui expressão de Mauro Cappelletti.

Com a República, em 1889, estabeleceu-se um marco fundamental na história do Judiciário brasileiro: em sua organização e ação, passou a inspirar-se no liberalismo de vertente norte-americana, desvinculando-se do sistema de orientação continental europeia e alcançando, em consequência, então, contornos institucionais de Poder Político.

Com efeito, o sistema americano que nos serviu de modelo ao implantar-se a República, há 124 anos, assenta-se no princípio da supremacia da Constituição, à qual se subordinam todos os Poderes, e na independência do Poder Judiciário, que se manifesta, por primeiro, na prerrogativa eminente de proceder à revisão judicial das leis e dos atos administrativos em face da Constituição, anulando-os quando com esta incompatíveis.

Os estudiosos do regime americano, de mais de dois séculos, asseveram que, na virtude exibida pela Constituição de 1787 para dominar crises, reside a sua contribuição maior ao constitucionalismo, cumprindo ver, na “judicial review”, a fórmula que acaba por garantir à ordem constitucional a estabilidade indispensável a perdurar. Além disso, a competência para operar, em torno da lei, a chamada revisão judicial revela inequívoco “poder político”, porquanto, se este existe no órgão que faz a lei, importa entender, inafastavelmente, estar presente, por igual, no órgão que dispõe de império para declarar-lhe a invalidade. Desse modo, no controle sobre os atos do Legislativo e do governo, evidencia-se o caráter político de que está revestido o Judiciário no exercício dessa função. Tal atividade

de índole política, no seu significado preciso, desempenhada em ditos limites, numa democracia na qual se consagra o controle judicial das leis e atos de governo, implica o necessário reconhecimento da nota de independência institucionalmente garantida ao órgão dela titular. De outra parte, subordinando-se, é certo, à sua vez, à Constituição e às leis, bem de entender é, entretanto, que a ampla faculdade de apreciar o ordenamento positivo não autoriza o arbítrio dos tribunais e juizes, de molde a decidirem as demandas que lhes são submetidas, fora dos lindes traçados pela compreensão da Constituição e das leis válidas.

Sobre o tema da supremacia e da força normativa da Constituição, nos países em que se consagra o controle judicial de constitucionalidade, ganha especial importância o processo interpretativo da Lei Magna, cuja latitude não é enquadrada nos estilos exegéticos tradicionais. Os termos do instrumento constitucional não se podem tomar, de forma definitiva, em seu sentido imediato, porque suscetíveis de servir à expressão de algo extrínseco às palavras nele postas. Está implícita, aí, referência à construção constitucional como processo diverso do predominante na interpretação dos documentos legislativos comuns. Põe-se, em decorrência, ao Judiciário tornar definido o que na Constituição se apresenta com aparência de indefinido, ou suprir lacunas, cujo preenchimento seja imprescindível à solução das controvérsias na linha da paz e da harmonia social. A construção constitucional e a teoria dos poderes implícitos, de que se socorre o Judiciário, por vezes, no trabalho de exegese, em vez de contrariar o sistema constitucional, são aplicadas em consonância com o espírito que o anima, vivificando o direito pelo seu ajustamento à realidade social e fortalecendo, em virtude disso, as instituições vigorantes.

É, assim, a partir da compreensão desse sistema, que cabe entender a atuação do Supremo Tribunal Federal, situado na cúpula do Poder Judiciário republicano, instalado a 28 de fevereiro de 1891, sucedendo o extinto Supremo Tribunal de Justiça, do Império, que funcionava desde 1828.

Com efeito, a partir da primeira Lei Magna da República, em 1891, reconheceu-se a esse Tribunal a função precípua de guarda da Constituição, ora conferida em expresse enunciado do art.102 da Carta Política de 1988.

Na linha dessa atribuição institucional, já secular, cumpre-lhe, destarte, ao dirimir controvérsias de forma terminativa, expressar, no curso do tempo, o significado e o alcance dos dispositivos da Constituição, compreendendo-se nessa competência a inequívoca autoridade para definir os precisos limites dos poderes de que a Constituição quer investidos o Congresso Nacional, o governo e os tribunais, a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios, bem como os exatos conteúdos dos direitos e das garantias fundamentais, dos princípios regentes da ordem social, da ordem econômica e financeira e de quaisquer preceitos fundamentais ou normas do ordenamento básico da nação.

Em tal perspectiva, desempenha o Supremo Tribunal Federal o múnus eminente de árbitro dos conflitos entre os Poderes, ou entre a União e os Estados-membros e o Distrito Federal, ou destes entre si, numa autêntica função de poder moderador. Nessa ordem, ao Supremo Tribunal Federal aplica-se a observação exata de Willoughby acerca do papel da Corte Suprema americana: “O mais poderoso dos freios, no garantir as relações regulares entre o poder federal e os poderes dos estados e ainda entre os próprios ramos do poder federal, tem sido inquestionavelmente a Corte Suprema. No mecanismo da República, o seu papel tem sido o da roda mestra. A Constituição, no exercício da sua supremacia a respeito de todos esses poderes, a todos lhes pôs limites, e o instrumento para efetuar essa limitação tem sido a Corte Suprema como intérprete do direito constitucional” (A Corte Suprema dos Estados Unidos, p. 33). Entre nós, escreveu com acuidade o ministro Rafael Mayer: “Ainda que nem sempre advertida, essa função de poder moderador será a nota dominante do Supremo Tribunal Federal, em sua história, e o seu desígnio maior no futuro. De fato, o degrau que separa o antigo Supremo

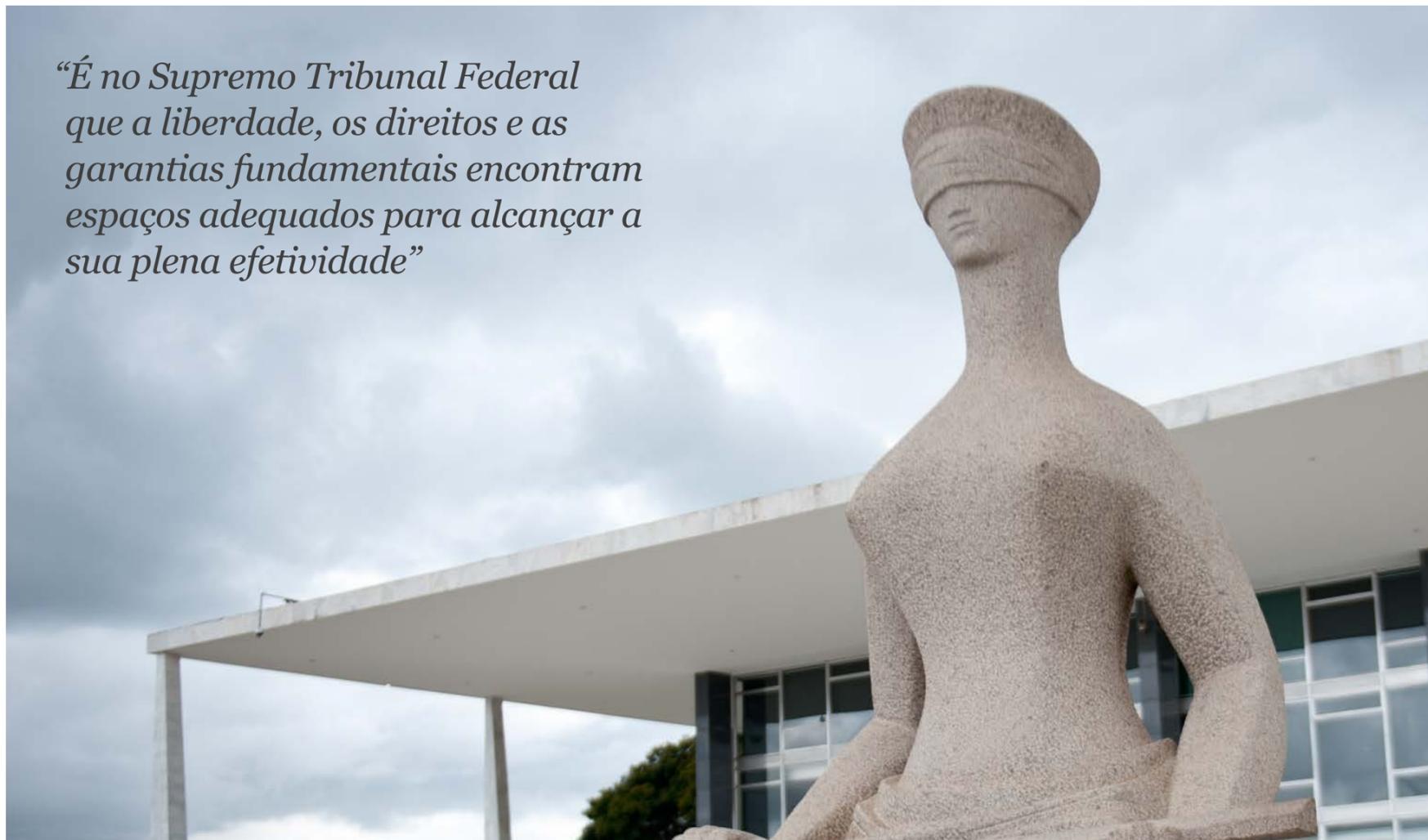
Tribunal de Justiça e o Supremo Tribunal Federal é o de confiar-se a este a missão precípua de guarda da Constituição e de fiscalizar a constitucionalidade das leis – verificação esta que, no Império, somente cabia ao Poder Legislativo e ao Poder Moderador” (Arquivos do Ministério da Justiça, n. 173, p. 3/4).

Desse modo, o bom funcionamento das instituições democráticas, plasmadas na Constituição de 1988, há de encontrar no Supremo Tribunal Federal, pelos instrumentos processuais próprios, o poder competente para dirimir, originária ou recursalmente, de forma terminativa, os conflitos e demandas, inclusive os que possam perturbar, por sua gravidade ou extensão, a indispensável harmonia entre os membros da Federação ou de seus Poderes Políticos, sem a qual – a experiência histórica registra – não se realizam os interesses superiores da República nem os objetivos mais elevados do bem comum. É o STF, dessa maneira, o Tribunal da Constituição e o Tribunal da Federação, pois esta naquela se define, exaustivamente, e são de natureza constitucional as decisões sobre litígios entre seus membros.

De outra parte, no regime da Constituição de 1988, quer a enumeração dos direitos fundamentais, quer os mecanismos de sua defesa pelos cidadãos ganharam em importância e extensão, assegurada em regra explícita sua imediata aplicação. Assim, nos órgãos do Poder Judiciário e, em especial, no Supremo Tribunal Federal, a liberdade, os direitos e as garantias fundamentais encontram os espaços adequados para alcançar sua plena efetividade, quando não observados ou desrespeitados pelo poder público, ou mesmo por particulares, em decorrência de ação ou omissão. A Corte Suprema é, pois, o último reduto para a discussão, defesa e reconhecimento dos direitos e poderes, com base na Constituição, ou dela decorrentes, podendo todos, assim, nela encontrar o derradeiro amparo a seus direitos e pretensões.

*Ministro aposentado do STF e Professor Emérito da UFRGS

“É no Supremo Tribunal Federal que a liberdade, os direitos e as garantias fundamentais encontram espaços adequados para alcançar a sua plena efetividade”





25 anos de inovação

Computação Criada pelo físico Tim Berners-Lee em 1989, a internet conecta 40% da população

No dia 12 de março de 1989, o físico e cientista britânico Tim Berners-Lee publicou o artigo que seria a base para uma das maiores inovações da sociedade atual. Com a ideia de criar um ambiente de compartilhamento de dados digitais de uma forma rápida e simples através da internet, Berners-Lee desenvolveu a World Wide Web. O projeto foi apresentado no laboratório do Conselho Europeu de Pesquisas Nucleares (CERN), na Suíça, primeiramente como uma lista de telefones dos trabalhadores do local, que passava a ser acessível a todos os funcionários por meio de um índice digital.

A criação da web só foi possível graças à utilização de outra tecnologia já existente: a internet. Esta surgiu nos anos 60, a partir de pesquisas realizadas por militares dos Estados Unidos, que procuravam uma forma de ligar os computadores uns aos outros. Em 1969, é lançada a Arpanet, considerada a precursora da rede. Resumidamente, os documentos interconectados da web trafegam pela internet, que é a estrutura que relaciona essas informações.

Em 1993, o CERN disponibilizou a tecnologia da WWW para todos, sem pagamento de royalties e de lucros para o laboratório. Naquele mesmo ano, os programadores Marc Andreessen e Rob McCool desenvolveram o primeiro navegador livre e gráfico do sistema, o Mosaic. Era o início do processo de popularização da internet.

Inicialmente, a web tinha concorrentes, como os sistemas CompuServe e Minitel, porém eram serviços pagos, ao contrário do sistema criado por Berners-Lee. Outro diferencial era a possibilidade de clicar em links para abrir arquivos em computadores que poderiam estar em qualquer lugar.

Luís da Cunha Lamb, diretor e professor do Instituto de Informática da UFRGS, diz que, até o final da década de 80, os profissionais da computação eram os que mais utilizavam os computadores. Mas, a partir do momento que as informações do cotidiano, como os jornais e revistas, passaram a estar dentro da web, a vida e a relação do ser humano com a tecnologia mudou completamente. “Eu diria que o impacto na vida das pessoas foi até superior ao da Revolução Industrial, porque o acesso à informação e ao conhecimento é algo fundamental para o desenvolvimento humano. Ocorreu uma troca cultural que mudou a nossa vida e a forma como as pessoas participam das construções sociais, o modo como nos relacionamos com o próximo e executamos o nosso trabalho”, ressalta.



FLÁVIO DUFRÁ/JU

O Centro Cultural James Kulisz da Vila Pinto, na capital, oferece cursos de informática para filhos de recicladores e acesso gratuito à rede

Interatividade – No seu estágio inicial, a web apresentava informações mais estáticas, com uma participação menor das pessoas para alterar determinado conteúdo. Com o passar do tempo, a rede se tornou mais dinâmica, permitindo maior interação e participação do usuário. A partir do início dos anos 2000, começam a surgir páginas com vídeos, blogs e wikis, que contam com a colaboração do usuário, recebendo e fornecendo conteúdo. Para o professor Luís Lamb, a web está cada vez mais deixando o âmbito dos profissionais da computação e passando para o usuário final, que passa a gerar o seu próprio conteúdo e a criar aplicativos via internet, aumentando a sua interação dentro desse ambiente.

Essa nova fase da comunicação na internet ficou conhecida como Web 2.0, termo criado em 2004 por Tim O’Reilly, fundador da empresa O’Reilly Media. De acordo com a professora dos programas de pós-graduação em Comunicação e em Design da UFRGS Suely Frago, a afirmação de que somente com a Web 2.0 o usuário pôde começar a publicar novos conteúdos é equivocada, porque quem era mais especializado sempre conseguiu fazer isso. Para ela, a diferença é que mesmo quem não tinha conhecimento de computação começou a publicar na web, devido às ferramentas mais acessíveis e com um visual mais amigável. A principal diferença nessa nova configuração seria a

facilidade dos aplicativos para a publicação de novos conteúdos pelas pessoas, como os blogs e as redes sociais.

“A web mudou muito do começo para cá e, conforme ela foi se reconfigurando, seus usos foram se modificando. Muda a forma como as pessoas interagem, o que influencia na comunicação, e isso acaba se refletindo na tecnologia, que apresenta mudanças em resposta à demanda dos usuários. É uma via de mão dupla, com avanços técnicos e de uso se misturando”, explica Suely. A web mais institucional, no entanto, que marcou o início da rede, não desapareceu com o surgimento da web 2.0, mas foi incorporada a essa nova dinâmica da internet.

Liberdade e neutralidade – Em decorrência dos 25 anos da WWW, Berners-Lee não quis somente comemorar, mas também salientar que os usuários tomem a frente nas decisões sobre a governança na internet, lembrando os seus princípios não hierárquicos, descentralizadores e radicalmente abertos. A questão levantada foi: “Que internet queremos?”. No Brasil, a elaboração e aprovação do projeto do Marco Civil da Internet colocou em debate a forma pela qual iremos lidar com a rede daqui para frente.

O Marco Civil tem como uma de suas principais reivindicações a neutralidade dentro da rede. Inicialmente, a internet foi concebida para ser estruturada nas redes de telecomunicações,

sem que as empresas tivessem a capacidade de saber quem estava se conectando e quais dados e informações circulavam. Com a evolução da tecnologia, passou a ser útil para provedores de telecomunicações saber quem se conectava e os serviços que utilizava, e o acesso a esses dados acabou gerando lucro às empresas.

O impacto da Web na vida das pessoas foi superior ao da Revolução Industrial

Segundo o doutorando em Ciências Políticas da UFRGS e pesquisador do grupo de Governanças Digitais do Centro de Estudos Internacionais sobre Governo (CEGOV) Diego Canabarro, com uma infraestrutura neutra, que não distingue os usuários, o potencial de inovação e criação de novas tecnologias montadas sobre a internet é facilitado. “A gente está em uma situação que deixa os usuários sujeitos ao controle, ao comando e à restrição de comportamento e de condutas próprios do setor privado. Nesse caso, temos a internet como potencialmente a tecnologia mais democrática de

todas, mas a apropriação dela pelo mercado abre margem para que esse potencial seja reduzido”, critica.

Além da influência das empresas e corporações, o controle estatal tem ameaçado o fluxo de informações, a privacidade e o caráter de instituição democrática da internet. Para Diego, registros históricos demonstram diversos casos de governos que abusam do poder de controle sobre a infraestrutura e as empresas que operam na internet para impor os seus interesses à força sobre a população. Ele acrescenta que é preciso lembrar que, no final da linha, sempre vão existir seres humanos, que precisam ter os seus direitos fundamentais garantidos.

Na opinião do pesquisador, os usuários também precisam olhar para a tecnologia e entender quais são os potenciais e limitações dos diferentes modelos de negócio que foram criados na internet e o que eles significam para a nossa vida, a fim de que, de fato, possam exercer seu papel de cidadãos e participar dos processos de governança na rede. “Toda a dinâmica do Marco Civil da Internet diz respeito à competição política entre os interesses dos governos, das empresas e da sociedade e, dependendo de como serão equacionadas essas diferenças, os resultados serão diferentes em relação ao tipo de internet que vamos ter no Brasil e no mundo”, conclui.

Laura Pacheco dos Santos, aluna do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico



Cultura sem fronteiras

Extensão Projeto Itinerância Cultural leva exposição fotográfica da UFRGS a Fortaleza

Os trabalhos artísticos produzidos por alunos e funcionários da Universidade estão ganhando espaço também fora dela. Por meio do projeto Itinerância Cultural, obras exibidas na UFRGS têm a possibilidade de viajar para outras cidades e estados. A proposta já inicia em terras distantes: fotografias do professor e artista Luiz Eduardo Robinson Achutti compõem a exposição *Percurso do Artista – Achutti 35 anos de Fotografia*, inaugurada no Ceará no último dia 12 de abril e que se estende até 18 de maio.

Resultado de uma parceria da Universidade com o Instituto de Fotografia de Fortaleza (IFOTO), a mostra ocorre no espaço cultural Sobrado Dr. José Lourenço, na capital cearense. As imagens retratam flagrantes cotidianos e registros feitos pelo autor em viagens a países

como Cuba, França e Alemanha. Conforme o professor, as 73 fotografias são um resumo de sua produção nas últimas três décadas. “Como tive uma trajetória meio misturada, que é um pouco fotojornalismo, um pouco fotodocumental e um pouco fotografia-arte, a exposição contempla quase tudo que eu fiz na vida”, revela o autor.

Diálogo – A mostra estreou em 2011, com curadoria do também fotógrafo e historiador Boris Kossov. Desde o início, a ideia era de que a exposição não ficasse restrita a um só evento. O projeto Itinerância Cultural surgiu como uma oportunidade de levar as fotografias a outros lugares. Para Achutti, é importante fazer com que essas experiências circulem entre diferentes estados: “A UFRGS está se mostrando

para fora e também indicando que tem todo um trabalho voltado à valorização de seus professores”.

Além do fotógrafo gaúcho, outros oito profissionais cearenses mostram seu trabalho no sobrado. Segundo Rubens Venâncio, diretor do IFOTO, a ideia é criar um canal de diálogo entre o autor convidado e a produção local. “Faz parte da linha de atuação do Instituto dialogar com a produção nacional e, a partir disso, veio o interesse de trazer a exposição do Achutti”, revela. A abertura contou com a presença do autor, que participou de um debate com o público e com fotógrafos locais.

Achutti é professor da UFRGS desde 1994, quando ainda trabalhava como fotojornalista. Para conciliar a paixão pela fotografia com as aulas na Universidade, abandonou o jornalismo e começou

a trabalhar por conta própria como fotodocumentarista. Atualmente, é docente do Instituto de Artes e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

Carla Bello, coordenadora de projetos especiais do Departamento de Difusão Cultural (DDC), destaca que qualquer atividade pode ganhar novos territórios, assim que encerra seu período de exposição na Universidade, independentemente se foi produzida por professores, alunos ou funcionários.

Os espaços da Universidade também estão abertos a ocupações culturais externas. A recente parceria com o Festival de Fotografia FestFoto Poa, por exemplo, trouxe ao Câmpus Centro parte da mostra *Genesis*, de Sebastião Salgado, em complemento à exposição interna na Usina do Gasômetro.

Desde março de 2013, do DDC vem apresentando o projeto a outras instituições. A intenção é promover o intercâmbio entre a UFRGS e entidades culturais e de ensino de todo o Brasil, compartilhando experiências artísticas e diminuindo as barreiras geográficas que separam as obras do público de outras cidades.

Parcerias – Por meio de um catálogo e de contato com universidades federais e estaduais, o DDC mantém uma relação contínua com outras instituições. “Como há questões muito burocráticas, a gente começa fazendo reuniões, conversando por e-mail e por telefone”, diz Carla, acrescentando que os trabalhos culturais da UFRGS são muito solicitados por outras universidades, mas que nem sempre há espaço na agenda das instituições interessadas. “Nós somos muito bem recebidos com os projetos e tentamos sempre fechar essas parcerias.”

A primeira atividade a ganhar novos destinos faz parte da série *Percurso do Artista* – iniciativa lançada em 2010 com a intenção de apresentar a obra e a trajetória de artistas professores da Universidade –, mas o projeto pretende fazer circular não só obras de artes visuais, como também de música, dança e teatro. Até mesmo as mostras de cinema exibidas na Sala Redenção já chamaram a atenção e estão em processo de negociação com outras instituições. As fotos de Luiz Eduardo Achutti devem viajar também por outras cidades durante este ano.

Achutti avalia que esse intercâmbio é importante para quebrar a barreira geográfica entre artistas distantes. “A UFRGS está propiciando que se conheça o trabalho de alguém que está longe, que a gente não tem a oportunidade de ver ou, quando descobre, é por meio de um blog, o que é diferente de levar o artista pra conversar e disponibilizar as fotos fisicamente”, reitera.

Martina Nichel, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico



A trajetória dos registros fotográficos do professor Luiz Eduardo Robinson Achutti é a primeira ação do projeto de intercâmbio cultural

Dois-pontos

Antônio Falcetta, revisor
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

► Enfim, a verdade!

Um tema que me vem inquietando é o do uso indiscriminado da expressão “a verdade é”. Estou tomando como referência o âmbito coloquial da língua – não sei se na atividade de pesquisa, por exemplo, se teria a mesma postura epistêmica. Sei que, nas minhas rodas especulativas de botequim, muitos dos companheiros de debate recorrem ao “mas, na verdade...”.

Sei tampouco se esse é fenômeno recente. Agora, o uso recorrente de certos vocábulos ou expressões deve significar um modo de ser, de se posicionar em relação a e de entender o mundo. Em síntese, deve servir de evidência da postura epistemológica

dos seres e da sociedade. Suponho que o comportamento linguístico daquele que se utiliza de “verdades” esteja diretamente relacionado ao modo como entenda o conhecimento ou a uma das possibilidades de constituição desse conhecimento. Daí se poder falar, no caso, de epistemologia.

Em referência à existência concreta, talvez a *verdade* até faça sentido. Outro dia comentava com um amigo físico sobre o deslocamento de Marte no céu e que, para observá-lo, teria de ser de madrugada. Ele corrigiu-me: “Não é Marte que se desloca (tão rapidamente) no universo, mas essa impressão se dá, sim, pelo movimento da Terra”. Um *sim* que equivale à verdade. E ainda assim na ciência há teorias, e não A

teoria. Até antes de anteontem, o universo girava em torno da Terra.

Agora, em especulações, digamos, filosóficas, a verdade é o que menos conta. Organizar o pensamento em busca da verdade pode não ser mais que a autoafirmação da insegurança (sobre si) do ser que necessita de amarras para nortear-se, para sentir-se existente – arrisco em palpite psicanalítico.

Certo, a nossa é uma cultura positivista de verdades, uma vez que no processo de aprendizagem o conhecimento escolar, no geral, é dado acabado, pouco importando a construção das estruturas lógicas pela qual passa esse (dito) conhecimento. Eu entendo que a estrutura lógico-

especulativa é o que deveria ser o objeto primeiro da aprendizagem.

Outra questão é que, ao saturarmos nossos discursos com a palavra verdade, gera-se uma profusão de verdades, contradizendo a própria ideia de verdade. Ou talvez esteja aqui uma possível indicação da existência, enfim, de muitas VERDADES.

Proponho que economizemos, marcando uma posição epistemológica, esse vocábulo, e compreendamos as coisas ou pela sua gênese, origem, ou, como uma criança, pelo porque do porque. Para esses processos menos importa o resultado. Como um exercício em um slackline, o movimento oscilante do corpo ou da fita é que possibilita o equilíbrio, e não o estático. Verdade!



FLAVIO DUTRA/JU

Vozes douradas

Além do gosto pela música, alguns dos integrantes do Coral da Universidade, como a professora aposentada Norma Pessopani, veem o ato de cantar em grupo como uma terapia

Música

Coral da UFRGS lança novo disco, cujo repertório destaca a diversidade de estilos do grupo

Um grupo plural, alegre e dedicado, que se encontra em um clima de descontração, com ensaios com lanches apetitosos e risadas fartas. Esse é o Coral da UFRGS, que une professores, alunos, funcionários da Universidade e membros da comunidade para praticar música coral. Neste mês, o conjunto dá mais um passo: dentro das comemorações dos 80 anos da UFRGS, lança o seu segundo CD. Como se fora um espelho, a produção reflete a heterogeneidade das pessoas que há 52 anos são apaixonadas por música coral e formam laços que nem a distância separa.

Mudança e diversidade – O Coral da UFRGS foi fundado em 13 de agosto de 1961 pelo maestro Pablo Komlós. A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) estava passando por dificuldades, e o regente resolveu criar um coral universitário para acompanhá-la. Basicamente, as aparições do grupo da Universidade estavam atreladas às atividades da Orquestra. Devido ao pequeno número de apresentações – muitas vezes ensaiava-se um semestre inteiro para realizar apenas duas audições –, alguns integrantes do

Coral voltaram-se também à música à cappella. Assim, em 1969, o Coral, sob a regência do maestro Nestor Wennholz, assume o canto vocal sem acompanhamento instrumental como o seu estilo característico, posição que mantém ainda hoje. A parceria com a OSPA perdurou até 1971, quando a Orquestra criou um coral profissional. Segundo Lucas Alves, regente do Coral há cinco anos, a mudança trouxe menos rigidez e mais fluência ao grupo. “O Coral tinha como característica a interpretação de grandes obras muito conhecidas do público, como a 9.ª Sinfonia de Beethoven, mas também certa rigidez em relação ao repertório, que era somente composto para essa formação de música sinfônica. Cantar à cappella trouxe mais versatilidade, nos permitindo abranger repertórios de diversos períodos e estilos”, conta.

Dividido em quatro naipes – soprano e contralto para as mulheres, tenor e baixo para os homens –, atualmente o Coral é formado por cerca de 60 integrantes. No início de cada ano é feita a seleção de pessoas que queiram ingressar no grupo da UFRGS. Após um teste inicial – em que é realizada uma avaliação para ver em qual naipe o candidato se encaixa melhor –, os aprovados têm quatro meses para assimilar o repertório e prestar um teste de admissão, tornando-se, assim, um membro efetivo do grupo.

A preparadora vocal Cintia De Los Santos aponta o caráter coletivo do canto como uma das principais dificuldades encontradas inicialmente. Por ser uma atividade grupal, é importante a interação entre os cantores, sendo primordial conhecer a própria voz para conse-

guir casar com o timbre do colega que vai cantar ao lado. A comunicação, aliás, é um dos pontos fortes do grupo. Para que a integração dos novos coralistas transcorra de uma maneira mais leve e, ao mesmo tempo, para ajudá-los com as dificuldades encontradas, foi criado um sistema de apadrinhamento. “É feito um trabalho de acolhimento, em que um integrante antigo apadrinha um novo. O padrinho tem a preocupação de saber se o novato está gostando e quais são as suas dificuldades. Se o grupo percebe que alguém está acanhado, ajuda. Ninguém está aqui disputando com ninguém. A gente quer que todo mundo ande junto”, explica Elaine dos Reis, 40 anos, e que há mais de cinco integra o grupo do Coral.

Por que cantar – A busca por uma atividade para fugir da rotina, o gosto pela música e a intenção de manter o vínculo com a UFRGS são algumas das motivações para participar do Coral. Para Norma Pessopani, 69 anos, o impulso foi diferente. Há 19 anos no grupo, a aposentada buscava voltar a sorrir. “Eu passei um tempo em que tinha medo de ficar alegre, uma coisa tão estranha. Estava alegre, mas poderia acontecer alguma coisa, então eu ficava com aquela sensação. Aí resolvi que isso tinha de passar, não podia ser assim, porque eu era uma pessoa que sempre andava cantarolando. Até que decidi fazer um teste [no Coral] e nunca mais me senti assim. Para mim, foi uma terapia maravilhosa”, confessa a ex-professora, cujo irmão mais velho faleceu antes de ela virar coralista.

O contato entre os integrantes não fica restrito aos ensaios reali-

zados duas vezes por semana. No ano passado, o grupo viajou para Gramado para ter um momento junto. No cronograma, atividades de confraternização, como uma apresentação que cada um tinha de fazer, e também ensaios e trabalhos com técnicas vocais.

Realizações como essa estimulam o contato entre os coralistas, que acabam por criar laços, muitas vezes permanentes. Doréte Terezinha Simon, 74 anos, participa do Coral desde 1968 e conta que a parte social do grupo da UFRGS é muito forte. Para ela, não se pode ficar apenas sentado ensaiando, é necessário levar o contato musical a outras esferas. “A música é umas das melhores coisas da vida que Deus nos deu. Ela nos oportuniza a convivência social. Tenho amigos desde o início do Coral. Recentemente, uma amiga, que há 30 anos saiu do grupo, estava doente na Alemanha. O Coral enviou diversos materiais para ajudá-la a melhorar. É uma família”, finaliza.

Repertório eclético – *Vox Aurumque* (do latim, voz dourada) é o nome do novo CD do Coral da UFRGS. Gravado entre os meses de outubro e dezembro de 2013 no Santuário São Rafael e Bárbara Maix, em Porto Alegre, o álbum apresenta um repertório de 13 músicas. Dessas, apenas *Gaudêncio 7 luas*, dos gaúchos Luiz Coronel e Marco Aurélio Vasconcellos, é nacional. Composições de John Dowland, Billy Joel e Claudio Monteverdi também estão no disco, que mescla o erudito e o popular. A produção não conta com uma temática específica, pois as canções gravadas foram trabalhadas no repertório

dos dois últimos anos. Conforme o regente do Coral, a seleção das músicas procurou mostrar o quão eclético e heterogêneo é o grupo.

Os coralistas empenharam-se muito para a preparação do disco. A produção requereu ensaios extras e maior exigência da qualidade vocal. A acústica do local de gravação e o nervosismo em busca da excelência foram as principais preocupações. “Fiquei muito nervosa. Todo mundo ficou bastante ansioso, porque é bem complicado gravar, principalmente na igreja onde gravamos, em que qualquer respiração, nota errada, batida no chão, tudo se escuta. Nós tivemos de refazer várias vezes, trabalhar muito mais para gravar o CD e ficar impecável”, revela Aretha Lima, 17 anos, a mais jovem integrante da história do grupo.

Diretor-presidente do Coral, Paulo Alves de Souza afirma que *Vox Aurumque* ilustra uma nova fase, em que o amadurecimento de um repertório especial, em termos de riqueza musical e importância no cenário da história do canto coral, foram essenciais. “Com este disco, o Coral consolida um novo marco em sua jornada musical e contribui com as comemorações da Universidade, oferecendo à comunidade uma amostra daquilo que pode ser realizado no âmbito de uma universidade pública”, comemora o dirigente. Coordenado pela diretoria do Coral e pelo Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão, *Vox Aurumque* terá um show de lançamento no dia 25 deste mês, às 19h, no Salão de Atos da reitoria, com entrada franca.

Gabriel Jesus E. Brum, aluno do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico



FLÁVIO DUTRA/JU



Rodrigo Meleu das Neves radicalizou na hora de escrever sua dissertação de mestrado em Administração: decidiu expulsar a família de casa, trabalhando de 12 a 20 horas por dia

Redação

Dificuldades e estratégias na hora de produzir o texto final para a pós-graduação

Jacira Cabral da Silveira

O balcão da cozinha ficou lotado de papéis e livros durante os quarenta dias de imersão absoluta na derradeira revisão bibliográfica e produção textual. Não que no restante do apartamento a situação fosse diferente, pois depois que Rodrigo Meleu das Neves pediu à esposa e ao filho que fossem passar uma temporada na residência de sua mãe, a casa inteira foi transformada num grande escritório. O único elemento estranho ao seu foco de estudo eram os ruídos da tevê e do rádio que o ajudavam a se sentir menos sozinho “dentro da ostra”, como batizou a quarentena que antecedeu a defesa de sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação da Administração da UFRGS, ocorrida em 16 de dezembro de 2011.

Rodrigo reconhece que essa solução “foi a pior possível; coloquei a família para fora de casa”, retrata-se. Por outro lado, precisava de um tempo exclusivo para escrever. Diferente de colegas que dia a dia “semeavam um pouquinho”, ele sabia que com ele isso não ia funcionar: “la começar com um pônei e terminar com um dromedário”, brinca. Por isso, preferiu trabalhar de 12 a 20 horas por dia. A estratégia deu certo, pois poucos meses antes de fechar o prazo de dois

anos para a conclusão do trabalho, conforme diretriz da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), ele finalizou sua dissertação.

Dois motivos de caráter pessoal contribuíram para acelerar o processo e garantir o cumprimento dos prazos. O primeiro era o fato de que seu filho estaria ingressando no ensino fundamental no ano seguinte, e Rodrigo queria acompanhar o início da trajetória escolar do menino. A outra razão era de ordem departamental, pois se encerrasse no prazo sua orientadora poderia concorrer ao triênio seguinte da Capes. Em suma, ele queria mesmo era “estourar a champanhe de dezembro com tudo terminado”.

Mas antes de chegar a esse derradeiro momento, ele sentiu muita ansiedade por conta da produção textual. O administrador diz que uma forma de driblar esse problema foi se inscrever no Programa de Apoio à Graduação - Língua Portuguesa (PAG2) no eixo destinado aos alunos de pós-graduação. Embora fosse um trabalho quantitativo, ele sabia que iria chegar o momento qualitativo: “Os números, sozinhos, seriam insuficientes para que o leitor percebesse a dimensão do trabalho”.

Apoio – A professora Carmem Luci da Costa Silva, coordenadora do PAG2 Letras (Português e Inglês), ficou surpresa com o número de interessados quando a oportunidade de apoio foi estendida aos estudantes de pós-graduação em 2011: “Apareceram 300 inscritos na primeira oferta”, revela. Para dar conta de tal demanda, foram montadas três turmas para atender aos alunos das áreas das Ciências da Natureza, Ciências Exatas e Ciências Humanas, que assim poderiam trabalhar melhor a produção textual a

partir das especificidades de cada segmento. Desde então, ocorreram cinco edições do Programa especialmente para doutorandos e mestrandos, sendo que a cada semestre são atendidos em média 90 estudantes.

Docente no Instituto de Letras da Universidade há mais de 10 anos, Carmem avalia que, embora os alunos de Letras não apresentem tanta dificuldade na hora de produzir seus textos, a angústia dos prazos é comum a todos. “Às vezes, eles têm a ideia, mas para desenvolver uma hipótese de pesquisa, e buscar elementos para subsidiá-la teoricamente, leva um tempo”, comenta. Por outro lado, considera que esse amadurecimento não é de ordem cronológica, “mas envolve o modo como cada um se relaciona com a própria produção”, ilustra.

Com base na experiência do programa de apoio aos estudantes, que tem como proposta para os alunos de pós-graduação *a melhor leitura pela reescrita*, Carmem comenta o quanto foi fundamental para os participantes estabelecer uma relação entre leitura e produção: “Eles perceberam a importância de observar na leitura alguns aspectos do funcionamento linguístico do texto”. Para além de compreender o conteúdo, é proposto aos alunos observar a forma como cada autor busca construir suas ideias para produzir o sentido que produziu: “Isso fez com que eles tomassem mais consciência de que escrever e ler não é apenas ler o que o autor diz, mas também ‘ler’ o modo como ele diz”. Com isso, é possível ver que “há mudanças de posição na escrita”, comenta com satisfação.

Dificuldades – Eliana Calegari também participou das aulas de sábado do PAG2, enquanto cursava o mestrado em Design na UFRGS.

Egressa da graduação em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ela critica a falta de conteúdos de português em sua formação universitária: “No meu curso são propostas muitas atividades práticas e poucas de leitura e escrita, então senti dificuldade durante a redação da dissertação. Também associe esse problema ao fato de não ter sido estimulada à leitura durante a infância”, afirma numa tentativa de entender a origem de sua angústia.

Essa ausência de produção de texto na graduação também é apontada pelo professor do curso de Engenharia Civil da UFRGS João Ricardo Masuero como uma das explicações para o pânico diante do papel em branco na hora em que o aluno é desafiado a escrever desde o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) até (mas com bem menor frequência) a tese de doutorado nas engenharias: “São quatro anos

de curso sem a produção de texto algum”. Isso pode ocorrer, de acordo com o docente, porque nas engenharias o texto do aluno é mais avaliado “por seu conteúdo técnico e não se está bem organizado”, tenta justificar.

Nesse sentido, o coordenador do Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, Armando Miguel Awruch, endossa a preocupação do colega. Para ele, é mais preocupante um egresso da graduação não ter a capacidade de redigir um laudo técnico quando chegar ao mercado de trabalho, considerando possíveis consequências, do que um texto acadêmico em sua área com alguns problemas de português. Entretanto, ele garante que o texto não chega a ser um problema na Engenharia Civil. Segundo João Ricardo, isso se explica pelo apoio permanente dos orientadores, ainda que admita que os alunos de sua área não gostem de escrever.

Organizar o caos

Arcanjo ainda fica perplexo quando escuta a desculpa: “Eu não sei Português”. Mas como não sabe? Afinal de contas, o próprio comentário comprova o contrário, uma vez que foi realizado no idioma em questão. Professor de Português e orientador de estágio no Instituto de Letras da UFRGS, Arcanjo Pedro Briggmann revela que a experiência dentro das escolas o fez localizar a origem desse recorrente autoexame negativo por parte de estudantes, especialmente quando desafiados a produzir um texto.

Na avaliação do docente, “a escola privilegia o ensino de uma língua fechada, com regras rígidas, e o fato de os alunos terem dificuldade de aprender tais regramentos reforça a ideia de que não sabem o idioma. E é a mesma escola que, contraditoriamente, exige do aluno um texto criativo e original, sendo que esse aluno não foi orientado para ser criativo, mas para se tornar um ser gramaticalizado, operando com uma língua estanque, que não existe”.

Para Arcanjo, “escrever é organizar o mundo exterior e o interior, pois dar sentido ao mundo é dar-lhe significado”. E é justamente porque o aluno não consegue fazer tais conexões de sentido na idade escolar que acaba não conseguindo organizar o mundo. Quando seus alunos têm dificuldade para produzir textos, ele recomenda: “Escrevam, escrevam. Ao escrever é que suas ideias irão se tornar claras. Não podem esperar ter tudo claro na cabeça para só depois começar a escrever. Escrever é organizar o caos”, resume. Na visão do professor, isso vale para qualquer trabalho, inclusive o texto científico: “Começo a dar vida a algo através da linguagem. Afinal, o conhecimento não existe de forma autônoma, ele só existe no momento em que consigo organizá-lo”, assegura.



De costas para o Mercosul

Diplomacia Celso Lafer critica atuação da chancelaria brasileira

Samantha Klein

O jurista Celso Lafer, ministro das Relações Exteriores em duas oportunidades, é militante do PSDB. Nas gestões dos presidentes Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, foi responsável por levar adiante políticas de integração, em especial com os países do Mercosul. O advogado critica o desvirtuamento do bloco e considera que ele deixou de ser prioridade para a diplomacia brasileira. Ele concedeu entrevista em rápida passagem por Porto Alegre para ministrar a aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) da Universidade.

Qual é a relevância do Mercosul para a economia e as relações exteriores do Brasil?

Uma das características do governo Sarney foi um claro movimento de proximidade com a Argentina, culminando depois na formação do Mercosul. Esse era o grande projeto da diplomacia brasileira, que hoje está muito distante daquilo que foi em sua concepção original. Quando o Brasil buscou essa aproximação vigorosa com a Argentina, o país vizinho possuía

uma posição mais significativa no plano mundial. Ela continua sendo importante para nós, mas a soma naquela época era muito maior do que a atual. O Mercosul sempre teve o papel de relação de vizinhança. Além disso, o Brasil tem escala continental e os estados têm interesses próprios de política externa. Então, o Rio Grande do Sul se volta mais para a Argentina e Uruguai, enquanto o Paraná para o Paraguai e o Mato Grosso para a Bolívia. No governo Fernando Henrique Cardoso, os objetivos eram fortalecer o Mercosul, aproximá-lo da comunidade andina e pensar a América Latina. A concepção que norteava FHC era de que devíamos fazer a melhor economia da nossa geografia. Toda unidade de logística, transporte, energia e infraestrutura comportava uma aproximação, e ao trabalhá-lha poderíamos estreitar a cooperação com nossos vizinhos.

Quais são os atuais desafios para a manutenção do bloco?

A situação da América do Sul é distinta daquela que tive condições de presenciar enquanto era ministro. Primeiramente porque a região está mais heterogênea do ponto de vista político. Hoje os países do Arco do Pacífico, como Chile, Peru e Colômbia, defendem seus interesses de um lado; há ainda os bolivarianos, agora mais atrapalhados com a crise da Venezuela, e tem-se o Mercosul confuso. Também temos o governo argentino bastante fragmentado, mais próximo dos bolivarianos que dos países do Arco do Pacífico. E o Uruguai, que é extremamente sensato na busca

dos seus interesses, assim como o Paraguai. O Brasil, por seu turno, está mais isolado que no passado e com dificuldade de administrar o seu papel na região. Nesse contexto, o Mercosul perdeu centralidade e deixou de ser o grande projeto diplomático para a chancelaria brasileira. A marca Mercosul está desacreditada e gera mais indiferença ou desapontamento do que motivação e energia.

Por que o Mercosul está tão desacreditado? Os bloqueios econômicos ou as questões políticas pesam mais nesse contexto?

Os dois fatores são a explicação para isso. Claro que o problema das restrições alfandegárias compromete a credibilidade do projeto, na medida em que essas intervenções se prolongam. Mas também houve o ingresso da Venezuela, que, da forma como foi feito, agregou o componente ideológico à concepção do bloco. Todo o processo de integração leva a conflitos de interesses, porque cada país está preocupado com o seu produto, em como ele será acessado e protegido. A União Europeia, que é o processo mais acabado de integração, tem conflitos de interesse o tempo todo, os quais ela segue tendo de administrar. O problema é quando existem conflitos de concepção. Para que serve essa organização? Claramente, a posição que tinha Hugo Chávez quando ingressou no Mercosul introduzia uma mudança. A ideia inicial do bloco era tornar as economias mais competitivas, inserindo-as no mundo globalizado, mas ao mesmo tempo que se globalizava, se

regionalizava. Já a ideia de Chávez era contestar o modelo hegemônico da economia norte-americana. Quando se agregam desordens de interesse e de concepção, a capacidade de resolvê-los diminui, o que também leva à paralisia decisória.

A legalização do plantio da maconha no Uruguai favorece as relações exteriores?

É um assunto muito complicado, mas me parece que o presidente Pepe Mujica revelou uma liderança surpreendente. Pela simplicidade; sem fazer paralelismo, é um pouco como o Papa, que chega às pessoas de maneira espontânea e sem demagogia. Essa história das drogas é um grande tema, já que a penalização e a repressão não resolveram esse problema, mesmo com os enormes dispêndios nessa matéria. Existe a Comissão Global sobre Políticas de Drogas, que reúne aqueles que procuram um caminho diferente para lidar com o assunto, como a descriminalização. Então, a medida tomada no Uruguai pode ser uma boa alternativa.

Quais as consequências da crise da Petrobras para a diplomacia brasileira? O que o país pode perder?

Em todo país há componentes de *hard power* (economia, força militar) e *soft power*. As relações diplomáticas estão nesse segundo item, no qual entram as dimensões de atração do país. Nesse ponto, as agências de *rating* lidam com as expectativas, combinando fatores quantitativos e qualitativos. A Petrobras é uma grande empresa que cresceu ao longo dos anos e

desenvolveu sua competência na prospecção de petróleo na plataforma continental. É um ativo que a notabilizou. Também é uma estatal poderosa em relação aos seus fornecedores, com boa atuação no mercado e uma reputação de empresa de qualidade. Esse episódio da refinaria de Pasadena compromete muito a dimensão da eficiência. Na medida em que não se encontra uma explicação razoável para a compra da refinaria, há um comprometimento da empresa, mas também do governo. O Estado brasileiro sai prejudicado porque a confiabilidade externa é sempre algo que se associa à credibilidade interna.

Que outros problemas de ordem diplomática podem prejudicar a imagem da Petrobras?

A isso se somam outros pontos, como o preço subsidiado da gasolina e o impacto sobre o etanol. O Brasil criou uma alternativa energética renovável, mas, na medida em que se utiliza a Petrobras para controlar a inflação, coloca-se em questão o etanol, comprometendo tudo aquilo que tinha sido antes implantado. O setor do álcool é hoje economicamente fragilizado. No começo dos anos 2000, o país empenhou-se em exportar o combustível alternativo e derrubar as barreiras ao etanol nos EUA. Mas, a empresa, em lugar de ser fomentada para desenvolver as suas atividades, está sendo menos adequadamente administrada. Como existe um número considerável de ações da Petrobras no mercado, isso significa um prejuízo para a economia e a diplomacia brasileiras.



FLAVIO DUFRÁ/JU

Ex-ministro das Relações Exteriores afirma que a atuação do governo no âmbito internacional é insuficiente e considera a crise da Petrobras um problema diplomático



O Brasil e os BRICS na construção de um mundo multipolar

André Luiz Reis da Silva*

O Brasil vem alcançando, na última década, uma grande projeção internacional, por meio das várias iniciativas diplomáticas que empreendeu, dentre as quais se destaca a articulação dos chamados grandes países emergentes, conhecidos como BRICS. Este acrônimo, formado a partir das iniciais de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, possui um importante significado não apenas para seus membros, mas também reforça as grandes tendências do sistema internacional, com a criação e articulação de diferentes polos emergentes de poder econômico, militar e político.

As transformações ocorridas com o fim do sistema bipolar da Guerra Fria e com a aceleração do processo de globalização acentuaram as tendências multipolares do sistema internacional, abrindo possibilidades para os grandes países periféricos ou “potências emergentes”. Para ser considerada uma potência emergente, são características essenciais: grande território e população, desenvolvimento econômico, bem como a projeção política regional e global. Crescentemente, verifica-se que o Brasil vem adquirindo uma política externa condizente com essa posição, conquistando maior protagonismo internacional tanto em termos econômicos quanto diplomáticos.

Convém ressaltar que, desde os anos 1990, acadêmicos e diplomatas já tratavam da necessidade de países como China, Brasil, Índia e Rússia se articularem para defender seus interesses. Embora pertençam a tradições culturais e políticas distintas, possuem características em comum, como grande extensão territorial, grande população, potencial de crescimento e de desenvolvimento, bem como capacidade de segurança e defesa. Assim, o conceito de BRIC que havia sido criado no meio empresarial (Banco Goldman Sachs) em 2001 para designar os países que teriam grande crescimento nas próximas décadas foi por eles aproveitado e transformado em um fórum de articulação política.

Em junho de 2009, na cidade russa de

Ecaterimburgo, Brasil, Rússia, Índia e China realizaram a I Reunião de Cúpula do Grupo. O segundo encontro ocorreu em 2010, no Brasil. O terceiro, em abril de 2011, teve como sede a cidade chinesa de Sanya e incorporou a África do Sul. A IV Cúpula ocorreu em 2012, em Nova Délhi; e a V Cúpula, em Durban, na África do Sul, em 2013. A próxima reunião deverá ser promovida no Brasil em julho deste ano. A inclusão da África do Sul no bloco sinalizou a orientação política a ser seguida. Afora a defesa da multipolaridade (contra o chamado unipolarismo do poder norte-americano), a inclusão da nação africana incentivou uma agenda voltada para os temas do desenvolvimento e da cooperação Sul-Sul.

Além das reuniões de Cúpula periódicas, os BRICS desenvolveram articulação horizontal, incluindo diferentes frentes de atuação em seu escopo. Na frente econômico-financeira, são realizadas reuniões frequentes entre ministros encarregados da área de finanças e presidentes dos Bancos Centrais. Na frente securitária, os altos funcionários responsáveis por temas de segurança dos BRICS também têm-se reunido. Ademais, as temáticas de agricultura, desenvolvimento, segurança alimentar e energia já foram tratadas no âmbito do agrupamento, em nível ministerial.

Apesar da intensa agenda intergovernamental, o grupo BRICS tem um caráter informal, pois não possui um documento constitutivo, funciona sem um secretariado fixo e não tem fundos destinados a financiar suas atividades. O que sustenta o mecanismo, em última instância, é a vontade política de seus membros. Ainda assim, os BRICS têm um grau de institucionalização que se vai aprofundando à medida que os cinco países intensificam sua interação.

Para o Brasil, a constituição e o avanço dos BRICS assumem uma função estratégica, profundamente articulada com os interesses brasileiros. De fato, a política externa brasileira na primeira década do novo milênio está se constituindo sobre uma nova matriz de inserção internacional, que procura aprofundar a integração regional na

América do Sul, retomar a tradição multilateral do Brasil de perfil crítico às assimetrias internacionais, bem como a busca de parcerias estratégicas com países similares em todos os continentes. A formação de blocos institucionalizados e de grupos de coalizão com nações em desenvolvimento é considerada um projeto inovador da política externa brasileira no novo milênio. Assim, pode-se compreender o crescente ativismo e a articulação internacional temática, com o Brasil participando e criando vários fóruns de articulação política como, por exemplo, o G20 comercial na OMC, o BASIC nas negociações ambientais e o IBAS para articulação e cooperação Sul-Sul. Nesse contexto, os BRICS constituíram o fórum para a defesa da multipolaridade, que defende uma ordem internacional mais equitativa e democrática, baseada no direito internacional, na igualdade, no respeito mútuo, na cooperação, na ação coordenada e na tomada de decisão coletiva de todos os Estados.

A diplomacia deve articular as contradições do relacionamento Norte-Sul

Os estudos empíricos na área de relações internacionais mostram que há coerência e convergência entre os interesses estratégicos brasileiros e a agenda comum construída nos BRICS. Nesse sentido, o bloco pode reforçar a posição do Brasil na defesa por um assento permanente no Conselho de Segurança, para maior participação nas entidades financeiras internacionais, como o FMI, para a crítica ao protecionismo dos países desenvolvidos na OMC, para a defesa do princípio de “responsabilidades comuns, porém diferenciadas”, nas reuniões ambientais, ou para a garantia na produ-

ção de capacidade de defesa e de ciência e tecnologia comuns. Nesse contexto, uma agenda que ainda pode ser ampliada é a cooperação científica e acadêmica entre os membros dos BRICS.

Do ponto de vista comercial, a ampliação das relações com o bloco aumentou na última década, numa proporção muito maior do que com os países mais desenvolvidos. A crise internacional de 2008-2009, que atingiu mais fortemente as nações desenvolvidas, não comprometeu a balança comercial brasileira exatamente porque foi compensada pela ampliação do comércio com os países em desenvolvimento, os BRICS e outros emergentes. Ainda assim, a pauta da agenda comercial necessita ser melhorada para evitar uma concentração na exportação de bens primários, principalmente para China e Rússia.

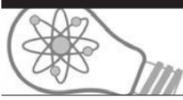
Apesar das convergências em questões estratégicas, observa-se que a agenda dos BRICS é seletiva. Temas considerados “regionais” e “particulares” não entram na pauta, em especial aqueles considerados da agenda regional de cada país. Assim, os BRICS têm mantido um perfil discreto nas questões ucraniana (agenda russa), do Sul da Ásia (agenda indiana) ou então da América do Sul (agenda de interesse brasileiro). Desse modo, algumas ponderações sobre se as grandes diferenças entre esses países (diferenças de capacidade econômica e militar, e de regime econômico e político) implicariam uma articulação efêmera e de baixa intensidade não se confirmam na realidade. Por outro lado, deve ser observado que outros países intermediários também vêm exercendo crescente influência regional e podem ser incluídos em um diálogo com os BRICS. Entre esses, citamos: Turquia, Irã, Indonésia, México, Nigéria e Egito como os mais importantes. Apesar de mais dependentes das grandes potências, os países do bloco têm crescentemente criticado as tendências unipolares dos EUA e exigido mais espaço para a “democratização” do sistema internacional.

Um dos grandes objetivos da política externa da última década nos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff foi aumentar o poder de barganha em relação aos países desenvolvidos. De certa forma, essa meta foi atingida, pois a capacidade das grandes potências de desmontar as coalizões feitas contra seus interesses não se efetivou completamente. Entretanto, para alcançar seus objetivos, a diplomacia brasileira deverá ampliar sua política para articular as “geometrias variáveis” com as contradições e demandas do relacionamento Norte-Sul, bem como demonstrar que sua estratégia está baseada no conceito de cooperação Sul-Sul. Deverá, também, incorporar mais claramente seus vizinhos da América do Sul (e principalmente o Mercosul) em seu projeto de inserção global. Por fim, a diplomacia brasileira precisará trabalhar conjuntamente com as outras potências emergentes e países intermediários para minimizar as crises reais e potenciais da transição hegemônica para uma nova ordem internacional. Se o mundo realmente caminhar para multipolaridade, os BRICS atualmente constituem um fórum privilegiado para sua articulação.

* Doutor em Ciência Política e professor de Relações Internacionais da UFRGS



Chefes de estado do Brasil, Índia, Rússia, China e África do Sul, durante encontro realizado na cidade de São Petersburgo em 2013



Redes para aperfeiçoar o SUS

Saúde

Novas propostas de atuação no sistema público destacam a ligação entre ensino e prática

Marcelo Igor de Sousa

Opiniões sobre o funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS) são muitas: funciona bem ou funciona mal, é exemplo para outros países ou falha na atenção básica. O próprio ministro da Saúde, Arthur Chioro, afirmou, durante o 11.º Congresso Internacional da Rede Unida, que o Sistema é um “processo em construção”. Realizado em Fortaleza no mês de abril, o encontro reuniu profissionais, gestores, pesquisadores e estudantes das áreas da saúde. A afirmação indica que há abertura para mudanças e que, com mais de 25 anos de funcionamento, o sistema público de saúde brasileiro precisa ser aperfeiçoado.

O congresso da Rede Unida é um grande evento de apresentação de projetos, ações e pesquisas que podem contribuir para a construção do SUS. E, nesse processo de instigar proposições, o ensino aliado à prática ganha destaque com iniciativas apoiadas pelas universidades. O responsável pela Coordenadoria da Saúde na UFRGS (CoorSaúde), Alcindo Ferla, afirma que a integração e o trabalho multiprofissional na área da saúde são desafios e que ações devem ser organizadas. “Precisamos inserir um conjunto de saberes que não restrinja o trabalho à clínica tecnológica. Isso não se opõe à clínica tradicional, mas abre espaço para outras perspectivas, como para a antropologia e as ciências sociais”, argumenta o professor da Escola de Enfermagem da UFRGS, que também é coordenador nacional da Rede Unida.

A concepção de abertura do serviço tem repercussão no modelo de ensino dos cursos da área da saúde. Novos cursos, como o bacharelado em Saúde Coletiva, e as recentes residências multiprofissionais são exemplos de mudanças.

Na mesma perspectiva, o programa VER-SUS pretende colaborar para a melhoria da formação de profissionais para o sistema público. Trata-se de uma estratégia de vivência para acadêmicos, que permanecem, entre 7 e 15 dias, numa mesma comunidade, em experiências de imersão junto à população e ao sistema de saúde de um município.

Para a integrante da secretaria executiva da coordenação nacional do programa, Bárbara Andres, o VER-SUS supre uma lacuna: “Precisamos formar profissionais que lutem pelo SUS, e é nas experiências que os estudantes conhecem a rede de saúde a partir dos usuários, que têm muito a ensinar”, ressalta.



Estande da UFRGS no encontro da Rede Unida em Fortaleza apresentou projetos na área da saúde

RAMON MOSER/JU

Formação permanente – A preocupação com a educação continuada de profissionais levou docentes e pesquisadores da UFRGS ao Norte do país. O Programa de Educação Permanente em Gestão Regionalizada do SUS Amazonas, promovido de julho de 2012 ao início deste ano, foi executado com a proposta de formação de profissionais de saúde daquele estado, de forma regionalizada em Manaus e em mais seis municípios-polo. A UFRGS cooperou na concepção, na execução do programa e na produção de material pedagógico.

Julio Schweickardt, pesquisador da Fiocruz Amazonas, destaca a colaboração da Universidade no projeto: “Foi um momento muito bem-sucedido. Temos uma grande carência de propostas de formação, e essa veio em bom momento”. Segundo ele, o diferencial foi poder usar a experiência que a UFRGS possui e o fato de que as metodologias se adaptam às especificidades de cada lugar. E a realidade do Amazonas é, de fato, única. O acesso a municípios do interior é possível somente por barco ou avião. Schweickardt faz questão de destacar que o curso garantiu a formação de tutores e concedeu autonomia à continuidade das ações. Ele acredita que, para os participantes da UFRGS, a experiência também foi um aprendizado.

Aplicação de ferramentas qualitativas no aprimoramento do atendimento em saúde é como pode ser sintetizado o curso Educação Permanente em Saúde – EPS em Movimento, projeto do Ministério da Saúde organizado pela UFRGS e com execução em todo o Brasil para a formação, em nível de pós-graduação, de cerca de seis mil

Cooperação internacional

As iniciativas propostas no Brasil têm chamado a atenção de docentes e gestores da área na região da Emília-Romana, na Itália. Professores da UFRGS e da Universidade de Bologna realizam parcerias há alguns anos, tanto que essas trocas se ampliaram para instâncias governamentais e para outras instituições do país e da região italiana. A cooperação se fortificou, neste ano, com o lançamento em abril do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação e de Práticas em Saúde Coletiva.

Pesquisador e professor na Universidade de Bolonha, Ardigò Martino é um dos envolvidos na cooperação. Para ele, no sistema global atual, está mais fácil realizar conexões entre

pesquisadores com uma concepção aproximada de saúde, o que permite a integração em projetos comuns. “O Brasil tem feito coisas boas na atenção básica, na saúde coletiva e na saúde da família. Podemos utilizar na Itália, não implantando o mesmo processo, mas o adaptando à realidade local”, observa.

A atenção básica multiprofissional e a integração entre ensino e prática com os projetos de extensão e de vivências no sistema de saúde, como o VER-SUS, são estratégias que receberam destaque do pesquisador italiano, para quem é possível, na cooperação entre os dois países, construir uma nova forma de pensar a saúde.

profissionais da saúde pública. A atividade tem coordenação de Ricardo Ceccim, responsável pela Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade, e aplica a proposta de educação e trabalho no cotidiano do SUS, num processo que envolve os vários campos profissionais da saúde, em vista da melhoria no atendimento e no cuidado. “Oferecemos recursos pedagógicos para que o trabalhador da saúde aprimore, no dia a dia do serviço, o aprendizado, a integralidade e a escuta”, resume.

Problemas do crack – No mesmo sentido, o aperfeiçoamento de serviços tem-se destacado numa área delicada da saúde mental: o cuidado com usuários de drogas.

O projeto *Caminhos do Cuidado* cumpre a proposta de aprimorar a saúde a partir de novas formas de abordagem. Desenvolvida por instituições como a Fiocruz e o Grupo Hospitalar Conceição, e com o apoio de universidades, como a UFRGS, a iniciativa forma agentes

comunitários de saúde para a acolhida e orientação de usuários de drogas, principalmente o crack. Em um ano, foram capacitados quase 300 mil pessoas para esse serviço na área da saúde mental.

A estudante de Saúde Coletiva da UFRGS Ana Marques participa do projeto e destaca a proximidade que os agentes podem ter com os usuários como um elemento capaz de promover uma intervenção mais efetiva. “É um vínculo para a escuta”, sintetiza. Na avaliação dela, os alunos que estagiam na atividade têm uma formação fora da sala de aula, adquirindo uma visão ampla de saúde. Em pouco tempo de projeto, ela já identifica resultados: “Os agentes de saúde saem com uma visão mais humanizada das pessoas envolvidas com drogas e ficam mais à vontade para lidar com esse assunto”. A abordagem procura garantir mudanças no acesso aos usuários do crack e de outras substâncias.

Paulo Quinderé, professor e pesquisador da Universidade Estadual do Ceará, participa de forma intensa

da investigação de estratégias diferentes de atuação da saúde junto aos usuários de crack. Em sua pesquisa, ele estuda o fenômeno do crack em Fortaleza a partir da experiência dos usuários e garante que a principal ação deve ser no sentido de minimizar as vulnerabilidades sociais. “Precisamos discutir o problema do crack não pelos efeitos que a substância causa, mas a partir da realidade dos usuários e dos problemas sociais”, salienta.

De acordo com ele, algumas intervenções marginalizam as pessoas, punindo-as ou tratando-as como doentes. “Problemas sociais têm interferência direta nos desdobramentos positivos e negativos na relação do uso do crack. As intervenções devem visar a um uso menos prejudicial, de forma a tornar esses usuários protagonistas de suas vidas”, comenta.

Nesse e em outros casos, a busca de novas formas de atuação pelo serviço de saúde tem sido reflexo da necessidade de intervenção diferente dos profissionais de saúde.



Memórias imaginadas

Biografia

Relançamento renova a oportunidade de conhecer Augusto Boal

Jacira Cabral da Silveira

Fernanda Montenegro, lendo trecho de *Hamlet e o filho do padeiro*, durante atividade cultural no Rio de Janeiro, faz uma pausa e comenta com a plateia: “Ele era um excelente contador de histórias”. A atriz se referia ao dramaturgo Augusto Boal (1931-2009), cuja autobiografia foi recentemente relançada.

Silvia Balestreri Nunes, professora do departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS, concorda com a atriz. Muitos dos episódios do livro foram narrados pelo próprio autor durante o tempo em que estudou com ele, em 1986: “Nós ouvíamos a mesma história várias vezes, mas eu sempre me emocionava”, recorda. Esse convívio tem acompanhado seu exercício docente tanto na pesquisa quanto em sala de aula.

Um ano antes, Boal regressara ao Brasil depois de sua prisão e exílio no exterior, em 1971, e ingressava no projeto Fábrica de Teatro Popular junto aos Centros Integrados de Ensino Público (CIEP), a convite de Darcy Ribeiro, então vice-governador do Rio. Foi nesse projeto que Silvia conheceu o dramaturgo, ocasião em que trabalharam as ideias que ele desenvolvera em seu livro *O teatro do oprimido e outras políticas poéticas* (1975).



Boal, durante uma palestra sobre o Teatro do Oprimido, em 2008 em Nova York

Fama na Europa – A capacidade narrativa de Boal tem origem – segundo a professora – na formação em dramaturgia que ele fez nos Estados Unidos, onde os alunos eram levados a dirigir as próprias peças. Boal também morou por muitos anos em Paris, tendo lecionado na Sorbonne por cerca de dez anos, atividade que só aumentou a repercussão de seu trabalho na Europa. Na década de 90, por exemplo, em viagem à França e conversando com um amigo que estudava cinema, Silvia descobre: “Todo estudante aqui tem um livro de Boal em sua estante”.

Esse mesmo destino poderia ocorrer no Brasil com *Hamlet e o*

filho do padeiro, seja pelo registro histórico ou pelo estilo de texto que demonstram a ironia e o bom humor do dramaturgo: “Ao usar a expressão *memórias inventadas*, ele se sente à vontade para contar do jeito dele, aumentando ou não cada situação”, comenta a professora.

Já nos primeiros capítulos, ao falar da família de origem portuguesa, o autor navega entre Brasil e Portugal, contando as idas e vindas de seus ancestrais. De um jeito muito particular, ele descreve o Brasil dos anos 50, seja como frequentador dos teatros de revista e dos carnavais da capital carioca, seja como homem de cultura.

Depois de ler e reler *Hamlet*, Sil-



Hamlet e o filho do padeiro – memórias imaginadas

Augusto Boal
São Paulo: Cosac Naify, 2014
416 páginas
R\$ 48 (preço médio)

via diz que essa leitura não precisa ser linear para despertar o interesse do público. Certamente, pelo texto convidativo, pelo registro pitoresco ou pelo depoimento contundente: “Heleny deu conselhos. Primeiro: não confessar nunca, nada. [...] O segundo conselho veio com feições brechtianas: Heleny contou que os

torturados exageravam os efeitos da tortura para se livrar de males maiores. Stanislavskianos, simulavam com perfeição pequenas dores que exibiam magnificadas. Lembrei Pessoa: O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente”, escreveu Boal.



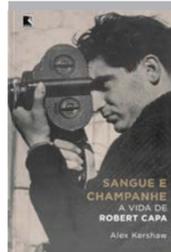
A ditadura militar e os golpes dentro do golpe: 1964-1969

Carlos Chagas | Rio de Janeiro: Record, 2014
490 páginas | R\$ 48 (preço médio)

Bastidores da ditadura

Uma nova safra de livros sobre a ditadura civil-militar que subjugou o Brasil está sendo produzida em 2014, ano em que o golpe completa 50 anos. Sobre tudo escritas por historiadores e jornalistas, essas publicações compõem um mosaico de versões da história, dentre as quais uma das mais controversas é a de Carlos Chagas, então repórter político do jornal O Globo e, posteriormente, secretário de Comunicação Social da Presidência no governo Costa e Silva. Em *A ditadura militar e os golpes dentro do golpe: 1964-1969*, o autor narra com detalhes alguns episódios dos bastidores da ditadura. A partir da visão privilegiada que teve como jornalista ao acompanhar reuniões do governo, ele escancara disputas entre os próprios militares e retrata o papel de figuras como Carlos Lacerda e Juscelino Kubitschek nos primeiros anos do regime. Para recontar a história, o autor volta às informações que os principais jornais do país noticiaram à época, analisando também o posicionamento de cada veículo por meio de seus editoriais. São

marcantes os trechos em que ele compara suas memórias com o que de fato foi impresso nos jornais – especialmente em O Globo –, denunciando as censuras que sofreu na redação devido ao alinhamento de Roberto Marinho à ditadura. A maior controvérsia da obra, no entanto, tem como eixo o governo Costa e Silva, que Chagas acompanhou como assessor de Comunicação. É com lealdade que o jornalista retrata o período em que trabalhou para o general, assegurando que ele estava decidido a reconduzir o país à democracia. Em certo trecho, Chagas chega a afirmar que o militar “sacrificou a própria vida, tentando não passar à história como ditador”. Traído por seus pares, segundo o jornalista, Costa e Silva não alcançou seu objetivo. O Brasil viu sua própria história se tornar ainda mais sombria com o endurecimento do regime após o AI-5. A versão de Chagas sobre esse período da história também foi transformada em livro, que deverá ser lançado ainda neste ano. (Thais Seganfredo)



Sangue e champanhe: a vida de Robert Capa

Alex Kershaw | Rio de Janeiro: Record, 2013
349 páginas | R\$ 44 (preço médio)

Biografia requentada

Fotógrafos são envolvidos por certa aura romântica. Talvez pela permissão profissional que têm para olhar, pela visibilidade que adquirem por conta da necessidade de estar perto dos acontecimentos ou pela mistura indecifrável que aproxima o seu ofício da informação, da arte, do artesanato, da manufatura, da tecnologia. Com uma vida bem mais dura que as histórias que se contam sobre ela, Robert Capa é um dos personagens que consagram a ideia desse “fotógrafo romântico”. Foram publicados vários livros contando seus feitos. Desde *Ligeiramente fora de foco*, improvável autobiografia escrita aos 34 anos de idade, passando por *Um diário russo*, registro de viagem na companhia do escritor John Steinbeck pela então União Soviética em plena Guerra Fria. Recentemente lançado, *Sangue e champanhe*, de Alex Kershaw, não é a principal biografia de Capa. Um dos fatores que incrementam a romantização do personagem é que a sua memória é regemente mantida por seus herdeiros. E o único a ter acesso aos documentos desse legado é Richard Whelan, que escreveu, em 1985, o texto com maior

acesso às informações documentadas sobre a vida do fotógrafo (não há uma edição brasileira). Húngaro de nascimento, judeu, foi batizado como Endre Friedmann. Nos anos 20 foi expulso da terra natal, se refugiou em Berlim, onde aprendeu a fotografar por força da necessidade e teve de fugir do nazismo. Na França, junto com a então namorada Gerda Taro, inventou a persona pela qual se tornaria conhecido. Fundou uma das mais prestigiosas agências fotográficas do mundo, a Magnum, documentou a realização de filmes em Hollywood, ganhou e desperdiçou dinheiro em noitadas. O problema da biografia escrita por Kershaw é um certo ar de requentamento de informações. Entre as frases famosas do universo fotográfico, uma das mais citadas lhe é atribuída: “Se uma imagem não está boa o suficiente, é por que o fotógrafo não estava perto o suficiente”. O princípio, levado à risca, acabou por matá-lo (Capa morreu ao pisar em uma mina terrestre na guerra da Coreia, em 1954). Já no caso da biografia, a falta de acesso a documentos importantes a tornam um pouco mais do mesmo que já se sabe sobre o personagem. (Flávio Dutra)



Atento ao ciberespaço

Música *Sem temer a rede, Gilberto Gil critica o exibicionismo e o individualismo que ela permite*

Ânia Chala

A fala mansa e o gosto por explicar em detalhes seu pensamento são características de Gilberto Gil que dificilmente escapam a qualquer um que tenha a oportunidade de conversar com ele. Mas se engana quem pensa que esse modo de se expressar reflete uma personalidade acomodada. Prestes a completar 72 anos, o músico é inquieto e busca tirar o melhor proveito possível das novas tecnologias proporcionadas pela internet, sem deixar de ser crítico em relação aos usos da rede.

Nesta entrevista, concedida por telefone, ele fala de seu novo trabalho, o álbum *Gilbertos Samba*, e reflete sobre as transformações a que o exílio o sujeitou, sobre o período em que foi ministro da Cultura, e avalia as políticas de inclusão adotadas no Brasil e também as possíveis motivações para os episódios de racismo nos estádios de futebol.

O músico, que realiza uma aula-espetáculo no Salão de Atos no dia 4 deste mês como parte das comemorações dos 80 anos da Universidade, diz ainda que considera a inclusão do álbum *Tropicália* na lista das leituras obrigatórias para o próximo vestibular da UFRGS um sintoma da dessacralização da alta cultura.

O álbum *Gilbertos Samba*, que é uma homenagem ao mestre João Gilberto, está sendo visto pela crítica como um inventário das duas principais escolas do samba: a baiana e a carioca. Concordas?

Não, isso é ambicioso demais. Não era a minha pretensão. Eu pensava em primeiro contemplar o samba, porque é uma promessa, que

venho fazendo há muito tempo, de conceber um disco dedicado inteiramente a esse gênero. E aproveitei para fazer isso com o repertório do João – um dos mais significativos em relação ao samba, inclusive pela dimensão de restauração e de invenção de um novo samba, que marcou fortemente o trabalho dele. Especialmente no início, em seus três primeiros álbuns, de onde tirei a porção principal do repertório que trabalho nesse disco. Então, o propósito de *Gilbertos* é associar a escola de João e a minha, meu próprio desenvolvimento como instrumentista, autor, criador, inspirado nessa grande contribuição que tem sido a obra do João Gilberto.

Em abril, participaste de um evento que discutiu os rumos da internet no Brasil. Tens sido um entusiasta das novas tecnologias em tua arte. Mas a livre difusão de músicas pela rede não te assusta?

Essas são coisas que não devem, em princípio, assustar alguém que é um criador, uma pessoa que utiliza as ferramentas ligadas a esse mundo das linguagens e das formas de expressão relacionadas às questões de liberdade de expressão, criatividade e autorialidade. Eu sou muito atento a essas questões e acho que esses primeiros grandes conflitos propiciados pelos usos da internet têm reflexo em todos os campos da vida. Na medida do possível, procuro contribuir com uma compreensão a respeito disso, compartilhando esse entendimento com todos aqueles que estão preocupados, como é o caso do Tim Berners-Lee, um dos criadores da internet, e que é profundamente interessado nessa questão da governança mundial da

internet. Mas ele, como eu e tantos outros, estamos interessados em debater como é que se normatiza minimamente, estabelece regras e códigos de conduta para todos os envolvidos nessas questões, desde os grandes distribuidores dos meios até os usuários. Também nos interessa discutir como o governo deve entrar nisso e como a sociedade civil pode cuidar do ciberespaço autonomamente. Essas questões estão em evidência, porque é um fenômeno recente, mas já muito abrangente.

Este ano estão se completando cinco décadas do golpe civil-militar de 1964. Junto com Caetano, foste obrigado a sair do país. Aquele período mudou tua carreira?

O fato de ter sido submetido ao trauma da prisão, da expulsão, a certa marginalização desejada pelo regime militar, para mim e tantos colegas, e de ter ido viver em um país distante, com outro processo civilizatório, outra língua, acabou tendo um papel transformador na minha vida. Tive de me adaptar, de virar outra pessoa, de me familiarizar minimamente com outro modo de produção e criação musical: as guitarras elétricas, a linguagem pop, a língua inglesa, uma série de coisas... Foi a primeira vez que fui à Europa e aos Estados Unidos, e tudo isso teve impacto forte. Quando voltei, três anos depois, já era outro músico, já tinha incorporado uma série de novos elementos ao meu fazer musical. O *Expresso 2222*, que é o primeiro disco lançado logo quando eu volto ao Brasil, por exemplo, traz a influência muito clara das novas bandas. Foi ali que toquei guitarra elétrica pela primeira vez. Acho que, sim, me mudou e muito.

Nos últimos anos, foram criadas políticas visando à inclusão de mulheres, negros e da população de baixa renda. Como avalia essas iniciativas? Acredita que as leis que temos para coibir manifestações, como a dos casos de racismo nos estádios de futebol, são suficientes?

Espero que não seja necessária uma extensão muito grande de tempo dessas políticas compensatórias, que na verdade são dívidas que precisam ser pagas. Mas eu penso que, se o melhor efeito possível dessas políticas se efetivar, a gente pode encurtar o período de vigência dessas medidas. Acho que esse é um dos aspectos de vigilância permanente que devemos ter em relação a essas políticas para não torná-las vícios. Quanto aos episódios de racismo, são fenômenos que extrapolam a própria esfera nacional e que estão ligados a uma intensificação na esfera da competitividade.

Tu achas que o mundo contemporâneo incentiva essa competição?

Acho que sim. Embora você tenha, por um lado, atenuações das grandes dificuldades, porque você tem uma ciência que oferece possibilidades novas para a saúde, a educação, o entretenimento e o desenvolvimento material pela via da economia, você tem, por outro, estímulos ao individualismo, ao isolamento, à sujeição da vontade e da liberdade individuais aos processos sistêmicos de abastecimento da informação e da produção material. E o nosso país é automaticamente sujeito a essa inserção compulsória na escala mundial da produção e da fruição do consumo. Até por imitação, os brasileiros veem essas manifestações em outros países e,

por se sentirem pertencentes a esse campo mundial das coisas, reagem do mesmo jeito. Esse mimetismo contemporâneo é uma coisa incrível e informa muito essas atitudes. Penso que se trata de um exibicionismo efêmero, possibilitado por essas práticas do que propriamente pelo dia a dia dessas pessoas. Estas convivem muito bem com a diversidade racial, econômica. Mas quando se juntam em locais de celebração se submetem às lógicas de massa. Penso que esses episódios são mais isso do que propriamente sinais do recrudescimento de um racismo verdadeiramente profundo. Lembro que quando ocorreu o incêndio da boate em Santa Maria houve manifestações terríveis na internet. Uma pessoa escreveu: “Ainda bem que foram queimados esses jovens loucos e transviados, que foram punidos com a morte cruel nesse incêndio” – coisas desse tipo. A internet proporciona isso por causa do anonimato, do convite ao exibicionismo, a uma manifestação exagerada da dimensão individual.

Dizem que de tudo fica um pouco. Da tua experiência no Ministério da Cultura, o que ficou?

A primeira coisa que ficou foi que eu descobri que não tenho mesmo uma propensão profunda para esse tipo de atividade. Aceitei por uma questão de colaboração com o governo popular que chegava, com dificuldades naturais para se impor, e para atender a um pedido do presidente Lula e de muitas pessoas que achavam que era interessante eu dar uma contribuição. Me esforcei muito para que isso se desse da melhor maneira. Como saldo do período, tivemos uma série de encaminhamentos de políticas públicas novas e a reciclagem de antigas que resultaram em benefícios para o país. E não me arrependo, ao contrário, achei interessante ter dado essa contribuição, mas ao mesmo tempo saí com a convicção de que esse não é o meu mundo.

A UFRGS incluiu nas suas leituras obrigatórias do próximo vestibular o álbum *Tropicália*. É a primeira vez que uma universidade pública incluiu um disco entre as suas leituras. Como tu vê isso?

Eu acho que o *Tropicália* incorpora um desejo de representação de uma dimensão lítero-musical que qualifica o disco para esse tipo de compreensão do seu significado. Penso que interpretá-lo agora, como a Universidade propõe, como um disco de dimensão seminal, que reunia essa pretensão didático-pedagógica em relação ao seu tempo, justifica a sua escolha. Também tem o aspecto dessa dessacralização de uma série de obras que foram entronadas como as únicas possíveis de representarem a alta cultura. Acho que um disco de música popular ser alçado a esse nível é interessante. Caracteriza as transformações por que passa a cultura mundial hoje em dia.

DIVULGAÇÃO



“Os episódios de racismo são fenômenos que extrapolam a própria esfera nacional e estão ligados à intensificação na esfera da competitividade”

► **Redação** Manoella Van Meegeen | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE



Eruditas e modernas

Música Auditorium Tasso Corrêa recebe recital com o Doppio Ensemble, dedicado a composições portuguesas

No dia 22 deste mês, às 20h30, o duo Doppio Ensemble realiza recital gratuito de música portuguesa para violino e piano no Auditorium Tasso Corrêa do Instituto de Artes da UFRGS. Criado em 2002, o projeto da violinista Evandra de Brito Gonçalves e da pianista Ana Queirós tem sido apresentado pela Europa e pelas Américas do Norte e do Sul. O Doppio Ensemble desponta por apresentar um vasto repertório, que abrange composições desde o Barroco até os nossos dias.

As musicistas assumem como dever a tarefa de difundir a obra e os compositores do seu país, dando espaço, também, às sonoridades mais contemporâneas e ecléticas, enveredando frequentemente pelo mundo do jazz, da bossa nova e da *world music*. “A música erudita é para ambas uma paixão, mas acreditamos ser fundamental uma aliança entre a tradição e a inovação, numa simbiose que desperte o interesse de uma

sociedade muito diferente dos séculos anteriores”, comenta a pianista Ana. Para isso, o Doppio Ensemble desenvolve parcerias constantes com outros músicos e compositores. “A nossa colaboração com jovens compositores é uma parte da versatilidade e curiosidade do nosso duo. Novas linguagens são desafios que abraçamos sempre com prazer”, explica. A dupla, que já interpretou a *Sonata Desesperance*, de Heitor Villa-Lobos, em Portugal, conta que esta será a sua estreia no Brasil com o Doppio, apesar de já terem se apresentado no país.

Paulo Innda, professor de Música do IA e coordenador do recital, conta que já conhecia o trabalho do duo lusitano e ficou animado ao saber da possibilidade da turnê brasileira neste ano. “O IA tenta trazer gente do mundo todo para ter um repertório variado de artistas. A música portuguesa é muito rara no Brasil”, comenta. Paulo destaca também que a

oportunidade é uma proposta particular de divulgação da música erudita produzida naquele país. “O recital é feito no estilo de uma palestra, mostrando um panorama da música de Portugal com um diferencial, uma proposta mais didática e informativa, centrada nas obras recentes dos séculos XX e XXI.”

As apresentações do Doppio Ensemble contam com o apoio da Direção Geral das Artes em Portugal e estão inseridas no projeto “Música Portuguesa para Violino e Piano: de Portugal à América do Sul”. Depois de Porto Alegre, o duo segue para o Rio de Janeiro, Salvador e Natal. “O público pode contar ainda com uma surpresa sul-americana”, adianta Ana.

No dia seguinte ao recital, haverá dois workshops no Instituto de Artes: pela manhã, com a violinista Evandra de Brito Gonçalves, e à tarde, com a pianista Ana Queirós. Informações e inscrições pelo telefone 3308-4310.

CINEMA

François Truffaut: os filmes de uma vida

A Sala Redenção apresenta 11 produções de Alfred Hitchcock, o mestre do suspense, que marcaram a formação cinematográfica do diretor francês. As sessões têm entrada franca.

JANELA INDISCRETA (*Rear window*, EUA, 1954, 114 min)
Sessões: 2 de maio, 16h; 19 de maio, 19h

LADRÃO DE CASACA (*To catch a thief*, EUA, 1965, 106 min)
Sessões: 2 de maio, 19h; 5 de maio, 16h

O HOMEM ERRADO (*The wrong man*, EUA, 1957, 105 min)
Sessões: 5 de maio, 19h; 6 de maio, 16h

OS PÁSSAROS (*The birds*, EUA, 1963, 119 min)
Sessões: 6 de maio, 19h; 7 de maio, 16h

FRENESI (*Frenzy*, EUA, 1972, 116 min)
Sessões: 7 de maio, 19h; 8 de maio, 16h

A SOMBRA DE UMA DÚVIDA (*Shadow of a doubt*, EUA, 1943, 108 min)
Sessões: 8 de maio, 19h; 9 de maio, 16h

PACTO SINISTRO (*Strangers on a train*, EUA, 1951, 101 min)
Sessões: 12 de maio, 19h; 13 de maio, 16h

A TORTURA DO SILÊNCIO (*I confess*, EUA, 1953, 95 min)
Sessões: 14 de maio, 16h; 15 de maio, 16h

DISQUE M PARA MATAR (*Dial M for murder*, EUA, 1954, 105 min)
Sessões: 15 de maio, 19h; 16 de maio, 16h; 20 de maio, 16h

UM BARCO E NOVE DESTINOS (*Lifeboat*, EUA, 1944, 97 min)
Sessões: 16 de maio, 19h; 19 de maio, 16h

SOB O SIGNO DE CAPRICÓRNIO (*Under Capricorn*, Inglaterra, 1949, 117 min)
Sessões: 20 de maio, 19h; 21 de maio, 16h

A Geração do Cinema Falado

Ciclo de filmes que inspiraram François Truffaut. As sessões ocorrem na Sala Redenção com entrada franca.

APACHE - MASSAI O ÚLTIMO GUERREIRO (*Apache*, EUA, 1954, 90 min), de Robert Aldrich
Sessões: 22 de maio, 16h; 23 de maio, 19h

VERA CRUZ (*Vera Cruz*, EUA, 1954, 94 min), de Robert Aldrich
Sessões: 22 de maio, 19h; 23 de maio, 16h



BONECA DE CARNE (*Baby doll*, EUA, 1956, 114 min), de Elia Kazan
Sessões: 26 de maio, 16 horas; 27 de maio, 19 horas

VIDAS AMARGAS (*East of Eden*, EUA, 1955, 115 min), de Elia Kazan
Sessões: 26 de maio, 19h; 27 de maio, 16h

SINDICATO DE LADRÕES (*On the waterfront*, EUA, 1954, 108 min), de Elia Kazan
Sessão: 28 de maio, 16h

UM ROSTO NA MULTIDÃO (*A face in the crowd*, EUA, 1957, 126 min), de Elia Kazan
Sessão: 29 de maio, 16h

FÉRIAS DE AMOR (*Picnic*, EUA, 1955, 113 min), de Joshua Logan
Sessões: 29 de maio, 19h; 30 de maio, 16h

NUNCA FUI SANTA (*Bus stop*, EUA, 1956, 94 min), de Joshua Logan
Sessão: 30 de maio, 19h

Sessão Comentada

Exibição de filme na Sala Redenção com entrada franca.

TERRÁQUEOS - VESTÍGIOS DE UMA ERA DIGITAL (Brasil, 2014, 87 min), de Frederico Ruas
Após a exibição, bate-papo com o diretor e as participações de Maria Amélia Bulhões e Marcus Mello.
Sessão: 9 de maio, 20h30
Entrada franca

Cinemas em Rede

A Sala Redenção promove mensalmente sessões gratuitas por meio da internet de alta capacidade.

SOBRE SETE ONDAS VERDES ESPUMANTES (Brasil, 2013, 74 min), de Bruno Polidoro e Cacá Nazario
Após a sessão, bate-papo com os diretores.
Sessão: 13 de maio, 19h

Sessões Acessíveis

Exibição de filmes com recursos de acessibilidade e entrada franca na Sala Redenção.

LÍNGUA MÃE (Brasil, 2011, 81 min), de Fernando Weller e Leo Falcão
Sessão: 14 de maio, 19h (com AD e legenda)

Cineclube da Ciência Política

Ciclo promovido pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Política. Sessões com entrada franca seguidas de debates no miniauditório do IFCH.

O EXERCÍCIO DO PODER (*L'exercice de l'état*, França/Bélgica, 2011, 115 min), de Pierre Schoeller
Debatedor: Paulo Peres
Sessão: 15 de maio, 18h30

ONDE?

► **Auditorium Tasso Corrêa**
Rua Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

► **Miniauditório do IFCH**
Av. Bento Gonçalves, 9.500
Fone: 3308-6648

► **Praça Central do Câmpus do Vale**
Av. Bento Gonçalves, 9.500
Fone: 3308-3933

► **Sala Alziro Azevedo**
Av. Salgado Filho, 340
Fone: 3308-4318

► **Sala João Fahrion**
Av. Paulo Gama, 110, 2.º andar
Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção**
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos**
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3066

TEATRO

Teatro, Pesquisa e Extensão

Mostra anual universitária que apresenta uma seleção dos trabalhos de alunos do Curso de Teatro da Universidade. Sessões com entrada franca.

JERUSALÉM - O MUNDO TEM OBRIGAÇÃO DE ME COMPENSAR PELOS DIAS MAUS

Livre adaptação do livro “Jerusalem”, de Gonçalo M. Tavares. Com direção de Tatiana Vinhais, a peça possui atuação e concepção de Frederico Vasques.
Sessões: 7, 14, 21 e 28 de maio
Local e horários: Sala Alziro Azevedo, às 12h30 e às 19h30

EXPOSIÇÃO



15/15

Mostra de obras dos formandos em Artes Visuais pelo IA-UFRGS.
Visitação: 22 de maio a 13 de junho, de segunda a sexta, das 10 às 18h
Local: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo

MÚSICA

Vale Doze e Trinta

Iniciativa do Departamento de Difusão Cultural que abre espaço para shows de novas bandas cujos integrantes sejam ligados à UFRGS.

BRINCANTES DO PARALELO 30

Apresentação do grupo que se dedica ao estudo e à aplicação prática de diversas manifestações da cultura popular brasileira. Direção de Jair Felipe Ulmann, professor do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS.
Em caso de chuva, o espetáculo será transferido para o dia seguinte.
Data: 13 de maio
Local e horário: praça

central do Câmpus do Vale, às 12h30
Entrada franca

Interlúdio

Projeto com recitais de estudantes de Música do Instituto de Artes.

RECITAL DE PIANO SOLO
Apresentação da pianista paraguaia Selva Viviana Martínez Aquino Matschulat, sob orientação de Ney Fialkow. No repertório, obras de Brahms, Chopin e Rachmaninoff.
Data: 30 de maio
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 12h30
Entrada franca

Núcleo da Canção

Atividade desenvolvida em parceria entre o Departamento de Difusão Cultural e os institutos de Artes e de Letras, em que se discutem as contribuições da canção popular para a música brasileira.

APANHADOR SÓ
Conversa musical a respeito do álbum *Antes que tu conte outra*, do Apanhador Só, com os integrantes da banda. Mediação de Guto Leite e Luciano Zanatta.
Data: 20 de maio
Local e horário: Sala Fahrion, às 19h
Entrada franca

Canção do Porto

Show de lançamento do novo disco do compositor Daniel Wolff. Com participação de Nei Lisboa, Raul Ellwanger e Marcelo Delacroix, o repertório abrange ritmos que vão do chamamé ao baião, passando por samba e baladas.
Data: 15 de maio
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 20h
Ingressos: R\$ 10
Entrada franca mediante apresentação do cartão UFRGS.

Meu Lugar na UFRGS



Porteiro das águas

José Tumax Serpa é movido pela paixão. Poeta, declamador e servidor público, a dedicação é a palavra-chave do porteiro das piscinas do Câmpus Olímpico. Aposentado recentemente, ele recorda que o motivo por ter escolhido o local em que trabalha na Universidade, há doze anos, foi a natureza imponente característica dos pátios da Escola de Educação Física (ESEF). Muito ligado à questão do tradicionalismo, Tumax gosta de campo e já está ansioso para plantar a muda de árvore que vai ganhar ao sair da função.

“Vou cuidar da minha plantinha e nunca vou deixar esse lugar, aqui me sinto em casa. Plantar sua própria árvore é deixar sua marca registrada”, garante. Para ele, o Câmpus Olímpico lembra, mesmo que em um paralelismo distante, as coxilhas do ambiente natural da Fronteira Oeste. “Ver um casal de quero-queros cuidando do ninho em meio ao gramado, depois enxergar os filhotinhos crescendo sob o cuidado dos pais, manda para longe qualquer mau humor. É lindo”, compartilha.

Como porteiro, ainda que nunca tenha feito isso, não lhe falta oportunidade para nadar nas águas das piscinas olímpicas, em especial às sextas-feiras, dias de limpeza das bordas e também de menor movimento de alunos. “Gostava mesmo é de nadar em rio, atravessar alguns ‘redemoinhos’ debaixo da Ponte Internacional, na divisa com a Argentina. Nas piscinas, prefiro ver os alunos da ESEF e a comunidade nadando”, comenta ao referir-se ao Rio Uruguai, cenário recorrente da juventude e infância em Uruguiana. Orgulhoso da terra natal, sempre volta lá uma vez ao ano para recarregar as energias e melhor desempenhar o trabalho no lugar dele na UFRGS.

Apesar da saída como trabalhador do Câmpus Olímpico, a proximidade da residência ainda será o impulso para continuar atravessando o portão diariamente. “Outro

motivo para nunca ter entrado na piscina é porque sou fumante. Mas vou começar logo as aulas de musculação e equilíbrio. Só não vou fazer mais atividades porque não há um limite, mas pretendo manter o contato próximo com os colegas”, ressalta. Ter colegas-amigos é gratificante, segundo o servidor. “São companheiros para todas as horas. É bom frisar que ninguém faz nada sozinho.”

Como trabalha no turno da tarde, preferencialmente voltado às aulas para a comunidade, Tumax tinha mais contato com os aposentados porque “há uma sintonia maior quando as pessoas têm tempo para conversar”. Cultivar amizades e prostrar com um copo de café na mão é uma prática diária do servidor de 65 anos. Além de cuidar da portaria, sempre ajudou os colegas na segurança do prédio, conferindo diariamente se janelas e portas tinham sido fechadas.

Apaixonado pelo serviço público – foram vinte anos na UFRGS, já que antes da ESEF passou pela Faculdade de Educação –, só é mais apaixonado por Claudete. Companheira há mais de quatro décadas, a esposa é fonte de inspiração para o declamador. *Em nosso leito busco teu belo peito/ recupero as energias soltas no dia a dia/ me envolvo em lençóis de cetim sem fim e nos teus cabelos macios / Mulher do meu mundo interior, insaciável que és / na busca do amor total e tão real / tenho-te assim enfim / sem nenhum toldo a nos cobrir / somente gotas de orvalho a molhar os lábios cálidos e nossas vozes roucas entrelaçadas.*

Os próximos versos serão redigidos em homenagem à Escola de Educação Física. Esses ele ainda mantém em segredo.

Samantha Klein

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Perfil

Entre mananciais e elevadas

Teresinha Guerra
Geóloga credita inspiração para seguir carreira à luta pelo meio ambiente

Samantha Klein

Ela não teme a luta. Professora do Departamento de Ecologia da Universidade, Teresinha Guerra começou cedo a caminhada para se descobrir geóloga. Ainda menina, ganhou a primeira batalha: convencer os pais a deixá-la sair de casa para estudar em um colégio na cidade. Moradora da comunidade de Três Lagoas, no interior de Lajeado, tinha somente acesso à escola de educação básica sem divisão por séries. “Era muito curiosa e escutava rádio para me informar porque não tínhamos outras fontes. A rádio Guaíba está em minhas memórias da infância, assim como o Correio do Povo, que chegava enrolado em alguma mercadoria”, relembra.

Mudança de vida – Com onze anos, persuadiu a família de que era hora de partir para a cidade de Estrela. No primeiro colégio de freiras não se adaptou, mas logo conseguiu, por conta própria, a matrícula em uma escola estadual. A educação foi mais adequada ao espírito libertário da futura professora. Nesse período, alimentava dúvidas sobre o futuro, mas uma certeza tinha: não queria seguir o caminho da mãe, que abandonara a profissão para ajudar o marido.

“Meu pai mantinha um comércio no interior onde cansei de contar ovos e vender galinhas quando criança. Eu não queria aquela vida para mim. Meus pais me apoiaram nessa decisão. Minha mãe desejava que os nove filhos estudassem e quase todos têm curso superior.” A precoce saída de casa não significou um rompimento, mas um fortalecimento de laços. Quando já estava radicada em Porto Alegre, quatro irmãos vieram morar com ela para estudar. A rotina do almoço em família – tradição entre descendentes de italianos – foi mantida por muitos anos. “Todos nós aprendemos a cozinhar. Não é algo de que eu goste muito, mas é muito prazeroso ter a mesa farta em família”, revela.

Na hora de prestar o vestibular, Teresinha escolheu a Geologia por conta da curiosidade de conhecer a formação da Terra. “O que sempre me chamou a atenção foi a existên-

cia dos dinossauros, a constituição das rochas e a formação do planeta.” Em meados da década de 1970, o conhecimento da geodinâmica terrestre foi naturalmente se transformando em consciência sobre a degradação do meio ambiente.

“À medida que passei a realizar as saídas de campo, percebi o quanto o homem interfere na natureza. Só pensava em fazer pós-graduação em Ecologia e em devorar livros sobre a área. Naquele momento também havia toda a agitação feita por José Lutzenberger, que criticava os danos ao ambiente causados pela agricultura empresarial e os agrotóxicos”, diz.

Durante o mestrado, a docente começou a trabalhar com águas. Contraditoriamente à trajetória ambiental que ia trilhando, um problema com muitas aplicações pelo extinto Ibama surgiu na família. O pai havia derrubado araucárias por causa da serraria que estava administrando. “Ajudei a regularizar a situação e o convenci a comprar uma área de reflorestamento”, conta.

Mas o trabalho ambiental começou de fato quando ela ingressou na Secretaria Municipal do Meio Ambiente da capital. Como servidora do setor, passou a conviver com denúncias de instalações de pedreiras ilegais nos morros da cidade. Teresinha realizava a

análise de fotografias aéreas, mas nem sempre era possível observar os danos. “Os mineradores mantinham a cobertura vegetal enquanto exploravam o granito basáltico. O objetivo era manter a atividade bem camuflada”, explica.

Trabalho arriscado – Por vezes, a inspeção às áreas devastadas era uma atividade perigosa. Uma das vistorias realizadas no Morro São Pedro, na Zona Sul da capital, resultou em fuga. “Eu e um colega fomos recebidos por homens armados com espingarda. Iam nos matar se não tivéssemos fugido”, recorda.

Convidada a atuar no Centro de Ecologia da UFRGS, pediu cedência à Prefeitura e colaborou com comissão que propôs a criação de uma Unidade de Conservação no Morro Santana.

A relação com as águas transita por toda a vida da professora. A despeito do medo de mergulhar, durante a infância vivia às margens do Rio Fão e teve parte da casa alagada em uma enchente. Apesar de ter desistido das aulas de natação em três oportunidades, o local onde mora atualmente tem uma boa visão do Lago Guaíba.

Como ex-presidente do Comitê do Guaíba, a preocupação com a despoluição do cartão postal da cidade está no horizonte da geóloga-ecologista.



FOTOS: FLAVIO DUTRA/JU

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



Quem olha para quem

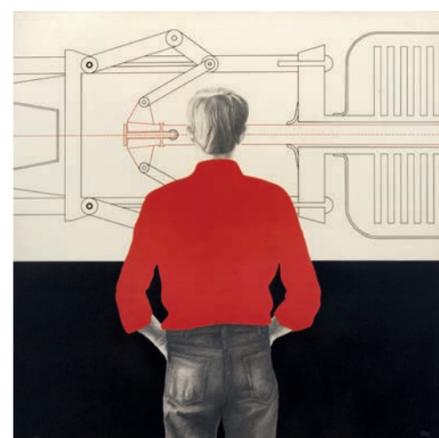
IMAGENS MÁRIO RÖHNELT

TEXTO EDUARDO VERAS



O sujeito está de costas para nós, que o observamos, e de frente para algo que ele próprio observa. Esse personagem, que ao mesmo tempo contempla e é contemplado, define-se, também ele, a partir de um contraste: a camisa vermelha, monocromática, sem nuances, feito serigrafia, contrapõe-se a tudo o mais que é cuidadosamente riscado em grafite, o cabelo fio por fio, o jeans em cada uma de suas dobras, as sombras sobre a pele. Aquilo que o personagem examina corresponde ao projeto de uma máquina prestes a entrar em funcionamento, um desenho técnico, descritivo. O conjunto – o observador, sua camisa, seu cabelo, o projeto que ele admira – parece funcionar como comentário sobre o que é o desenho e como ele funciona. Quem observa quem? O que exatamente se oferece ao olhar? Onde começa o desenho? Tudo se faz tão mais hipnótico em razão das simetrias compositivas: o quadrado é dividido verticalmente pela própria figura do observador; horizontalmente, pelos planos em preto e em branco; o vermelho, na camisa ou no eixo da máquina, trata de equilibrar o todo.

Esse desenho, em alguma medida, talvez funcione como síntese de certas preocupações artísticas de Mário Röhnelt. Também resume, com sorte, o próprio espírito da importante e necessária retrospectiva que homenageia o artista, em quatro salas no segundo andar do Margs, em Porto Alegre. A mostra, com curadoria de José Francisco Alves, cobre um período coerente e regular de mais de 30 anos de criação, incluindo desenhos, pinturas, fotografias e projetos digitais. Essa obra, aquele desenho, por diferentes caminhos, recolocam e atualizam a reflexão sobre a própria razão de ser das imagens.



MÁRIO RÖHNELT NASCEU EM PELOTAS, EM 1950, E EXPÕE INDIVIDUALMENTE DESDE 1983. A MOSTRA **MÁRIO RÖHNELT – UMA RETROSPECTIVA** ESTÁ EM CARTAZ NO MARGS, COM VISITAÇÃO ATÉ 1.º DE JUNHO.

EDUARDO VERAS É PROFESSOR DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS.

Quando se acenderam as luzes do Teatro Renascença em 27 de março passado, a etapa inicial da empreitada estava concluída: a terceira noite da temporada de estreia da ópera P-U-N-C-H tivera plateia lotada, como ocorrera nas duas noites anteriores. Idealizada, composta e dirigida por Christian Benvenuti, é resultado de um trabalho colaborativo que envolveu 16 pessoas na equipe de direção e produção, 17 bailarinos-atores, quatro cantores, dez instrumentistas e 242 apoiadores que, por meio da plataforma virtual Catarse, fizeram contribuições financeiras em troca de recompensas, como ingressos e outros objetos. Esses apoios variaram entre R\$ 10 e R\$ 500 e totalizaram R\$ 22.270. Ideia gestada pelo compositor desde 2011, P-U-N-C-H já recebera o Prêmio Funarte Petrobras de Dança Klaus Vianna 2012 e, no final do ano passado, começou a ser efetivamente montada. “Eram R\$ 80 mil da premiação, mas, descontados os 27,5% de imposto de renda, recebemos R\$ 58 mil. É um valor baixo para um espetáculo da dimensão deste, por isso recorremos ao crowdfunding no início de 2014”, conta Christian.

“Possivelmente o espetáculo sairia mesmo que não atingíssemos a meta para receber o financiamento pelo Catarse, mas teria de ter sido muito mais modesto, com reformulação da proposta cênica e visual”, aclara. No site, o projeto teve até 12 de fevereiro para alcançar o mínimo de arrecadação de R\$ 19.622. Como a política da plataforma é que os projetos só recebem o financiamento se atingida ou superada a meta, a equipe envolvida na produção injetou R\$ 6 mil de seu caixa para garantir que receberia o que fora doado. Caso a campanha não seja bem-sucedida, os apoiadores recebem seu dinheiro de volta e não há financiamento. “Era melhor receber uma parte, mas receber”, diz o propositor. “Descontada a taxa do Catarse, ficamos com pouco mais de R\$ 12 mil e ainda tivemos que usar parte da renda da bilheteria para sairmos do vermelho”, conta.

Pioneira, maior e mais conhecida plataforma para financiamento coletivo no país, o Catarse foi ao ar em 17 de janeiro de 2011 e, desde então, já finalizou 1.720 campanhas, sendo que, entre essas, 955 atingiram suas metas e foram financiadas, ou seja, 56% tiveram sucesso. Segundo o coordenador de comunicação do site, Felipe Caruso, nesses três anos de atuação, 117 mil pessoas contribuíram com um total de R\$ 15 milhões. Se tomados os totais anuais dessa referência no setor de crowdfunding, é possível compreender o desenvolvimento dessa forma de financiamento de ideias no Brasil: em 2011, dos 270 projetos finalizados, 142 foram bem-sucedidos, uma taxa de 53%; em 2013, foram 747 propostas, sendo que 453 chegaram às suas metas, isto é, 61%. Percebe-se, portanto, um incremento bastante significativo se considerado que esse tipo de plataforma surgiu, no país, há pouco mais de três anos. Dentro desse cenário, Porto Alegre é a terceira capital em volume de projetos. Atrás de Rio de Janeiro e São Paulo, já teve 60 propostas financiadas – 69% do total de 87 inscritas.

Juntando forças

TEXTO EVERTON CARDOSO

FOTOS FLÁVIO DUTRA

Crowdfunding *Iniciativas para o financiamento coletivo de projetos em diferentes áreas crescem e viabilizam novas formas de produção*



FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU



O estudante de Design da UFRGS Martino Piccinini recebeu o apoio de 92 pessoas para viabilizar sua exposição fotográfica

Sonho de coletividade

“Há mais de um ano e meio, o Projeto Vizinhança reúne vizinhos e artistas para transformar espaços ociosos em lugares cheios de vida e criar ambientes de troca e compartilhamento.” Essa síntese está na abertura do texto de apresentação da iniciativa no site Catarse. O objetivo é buscar financiamento coletivo para facilitar a realização das próximas edições da ação idealizada e organizada pela publicitária e aluna da Especialização em Economia da Cultura Aline Braga e pela arquiteta e acadêmica de Artes Visuais Marcia Braga, ambas alunas da UFRGS. Nos dias 29 e 30 de março passados, aconteceu a sexta edição do Projeto no Centro Cultural da Tristeza; as próximas serão realizadas em terrenos emprestados no bairro Santa Tereza, no dia 18 deste mês, e no bairro Santana, em 11 de outubro. “Montamos uma programação de atividades que inclui de tudo”, enfatiza Aline sobre o conjunto de oficinas e exposições de arte, apresentações de música, dança e teatro, além da execução, diante do público, de trabalhos de artistas visuais. Também serão promovidas refeições coletivas, sendo que cada participante levará a sua contribuição. “Não queremos um caráter comercial, por isso não tem muita comida à venda”, justifica. A única exceção é o chef Rodrigo Paz, conhecido por ser idealizador do Comida de Rua, que comercializa algum

de seus pratos em um momento específico. “Não é feira ou bazar. É como se a gente estivesse indo para a casa de um vizinho para curtir um som. É para aproximar as pessoas, proporcionar momentos de aprendizado”, sublinha a publicitária.

Iniciativa voluntária, para suas idealizadoras o Vizinhança é tarefa árdua: “Temos de correr atrás desde mesa, cadeiras, gazebo, caixa de som, microfones, projetores e tudo o mais. Precisamos imprimir material de divulgação. Dependendo do espaço, é necessário alugar banheiros químicos, gerador, sem contar todo o material que fornecemos aos artistas, como cola, tinta, papel e spray”, arrola Aline. A intenção, com o crowdfunding, é juntar R\$ 8.000 para comprar principalmente o equipamento necessário para os eventos e, assim, evitar o trabalho que é arrumá-lo. “Isso tudo vai para o Depósito dos Sonhos”, esclarece a organizadora. A intenção é que, além do projeto por ela idealizado, esse material sirva para outros grupos realizarem projetos que partilhem dos mesmos ideais, que tenham a ver com a aproximação de pessoas: “Aqueles que pensam na melhoria da cidade na questão afetiva”. Sobre a experiência de buscar financiamento coletivo, Aline desabafa: “É muito angustiante a espera. As pessoas não têm noção do trabalho que dá criar e decidir as recompensas, fazer a divulgação”.

Experiência partilhada

Quando comprou a câmera usada Nikon D80 de uma amiga poucos dias antes de embarcar para Moçambique, Martino Piccinini provavelmente nem imaginava o que resultaria depois de duas semanas na nação africana. “Gostava muito de fotografia, mas não me colocava como fotógrafo. Nem sei se ainda sou”, duvida o estudante de Design de Produto na UFRGS mesmo depois de ter-se dedicado à atividade que resultou na exposição África, oi! Pemba, tchau!, exibida de agosto e setembro de 2012 na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. Selecionado para expor na Galeria dos Arcos, não dispunha de orçamento para a exibição. Foi então que buscou uma plataforma de financiamentos coletivos para arrecadar os cerca de R\$ 3 mil que precisava para imprimir e emoldurar as imagens. Oferecendo recompensas que, entre outras coisas, incluíam cópias assinadas de suas imagens em diversos formatos, Martino recebeu apoio de 92 pessoas e chegou a um total de R\$ 4.112, quase R\$ 1.000 a mais do que previra como meta inicial.

“Fotografia digital, quem não tira? Se pensar que foram menos de 100 por dia, nem são tantas assim”, diverte-se ao relembrar que, ao retornar, contabilizava mais de mil imagens coletadas no período em que esteve na cidade de Pemba, que fica na parte nordeste do país luso-africano, na costa do Oceano Índico. E completa: “Não foi nada muito

diferente do que a maioria das pessoas faz”. A experiência do então jovem de 21 anos foi resultado da participação no projeto Oficina de Artesãos, na capital da província de Cabo Delgado. Foram intensos 15 dias – em outubro de 2010 – de envolvimento com cerca de 130 artesãos moçambicanos. Durante esse período, o jovem estudante tanto participou de atividades com os artesãos locais quanto fez um trabalho de registro visual do evento. “Fui como um intrometido, para dar consultoria de forma, desenvolvimento e medida, de como fazer as tramas na cestaria, como fazer uma forma diferente na madeira”, explica. “Depois, fotografei todos os artesãos, peguei nome por nome e fiz um trabalho de documentação de todos os presentes no evento. Era uma loucura de comunidades. Foi bem trabalhoso”, conta sobre a tarefa que desempenhou durante sete dias. “Achava injusto ter tido toda aquela experiência e não compartilhar”, diz. Segundo ele, essa era a possibilidade de mostrar o seu contato com paisagens e pessoas muito diferentes daquelas com as quais nossos olhares estão habituados. Foi, ainda, uma forma de traduzir sua mudança de conceito durante a experiência: se antes a África fora, em seu imaginário, um território homogêneo; era, a partir de então, um lugar pleno de particularidades do qual Martino apenas teve contato com uma ínfima parte.

Essa história de pessoas não que e cultura não é

Performance da bailarina Raisa Torterola na edição do Vizinhança realizada em março de 2013





Em frente à Galeria Chaves, no Centro de Porto Alegre, Bernardo Pereira (de boina) conta histórias sobre a Rua da Praia

e que as terem educação verdade.

Niziane Franklin
Diretora da Escola da OSPA

Instituição em apuros

São 17 degraus que ligam o térreo ao primeiro piso do Conservatório Pablo Komlós – mais conhecido como Escola da Ospa –, na rua André da Rocha, na capital. Feitos de concreto, mas recobertos de madeira, são sinal da precariedade da antiga casa que hoje abriga a instituição: quando alguém sobe ou desce, oito deles fazem barulho; as tábuas estão soltas. “Atrapalha a aula”, diz a aluna Julia Snak da Silva. A menina de 11 anos que se dedica ao violino desde os seis frequenta a escola desde a reabertura, em maio de 2013, e é rápida em apontar o que considera mais problemático: janelas quebradas, número insuficiente de salas, inexistência de um lugar para guardar os instrumentos e fiação elétrica aparente. Da mesma forma, a também aprendiz do instrumento, Stephanie Alves, reclama do barulho: “Quando estamos na aula de Teoria e Percepção Musical, o som das aulas práticas atrapalha um pouco”. Gean Veiga, músico da Ospa e professor de violino, igualmente aponta problemas: “No verão, numa sala sem climatização, é um enorme desconforto para o aluno executar um instrumento, manter a postura e a concentração. E, no inverno, os dedos ficam rijos”. Isso tudo sem contar o impacto que as temperaturas extremas têm sobre a afinação dos instrumentos. Se considerarmos que o Conservatório

pretende formar futuros músicos de orquestra, isso se torna ainda mais problemático, pois é preciso que esses alunos tenham ouvidos sensíveis e treinados.

“Em todas as reuniões de professores, ouvimos: ‘Assim não dá para continuar!’”, relata a diretora da escola Niziane Franklin. Foi por isso que, em março deste ano, tomaram a decisão de procurar meios para resolver a situação de forma emergencial: propuseram uma “sinfonia da reforma”, a ser executada com financiamento coletivo. “Chegamos ao ponto de aulas terem de ser canceladas porque alagava a sala quando chovia!”, exclama a professora. Sendo a Ospa um órgão vinculado e mantido pelo estado, a grande dúvida é, obviamente, se essa verba não deveria mesmo vir dos cofres públicos. Mas Niziane esclarece: “Esse projeto foi feito para as coisas mais emergenciais”. Segundo a gestora, se fosse feito com dinheiro público, haveria a necessidade de seguir os caminhos burocráticos, o que demandaria um tempo que não há. “Resolvemos atalhar”, sintetiza. O projeto superou a meta de R\$ 59 mil muito antes do prazo estipulado, o que se deve, em parte, ao prestígio da orquestra. “Essa história de que as pessoas não querem educação e cultura não é verdade. O retorno que tivemos é reflexo disso”, diz Niziane.

Voluntário e coletivo

Andar pelo centro da cidade ouvindo histórias e anedotas sobre lugares e pessoas que por lá passaram. É assim que a equipe do Free Walk Poa conduz uma caminhada pela parte histórica de Porto Alegre e traz ao público relatos como o do linguiceiro da Rua do Arvoredo, o dos footings pela Rua da Praia, o da esquina do pecado – onde as moças mostravam o tornozelo ao subirem nos bondes –, o do Largo dos Medeiros – onde a elite local se reunia em cafés – e outros sítios e personagens que outrora povoaram a cidade ou simplesmente circularam por ela. Até mesmo a passagem do escritor e piloto francês Antoine Saint-Exupéry, autor de *O Pequeno Príncipe*, foi recuperada pelo grupo. Idealizado pelos amigos catarinenses radicados em Porto Alegre André Flores e Thiago Goss, o projeto é inspirado nas caminhadas guiadas e gratuitas oferecidas em outras cidades e países. Durante quase dois anos de passeios, eles arregimentaram mais quatro parceiros, que hoje se dividem na contação de histórias todos os sábados a partir das 11h da manhã. Os passeios saem da frente do Chalé da Praça XV e não possuem um roteiro fixo. “Depende de quem está participando, se são pessoas de fora ou daqui de Porto Alegre”, justifica o publicitário e guia André Flores.

Pela dimensão que o Free Walk Poa foi tomando e pelo incessante

entusiasmo de seus integrantes, eles decidiram dar um passo mais ousado: querem – e vão – transformar essas histórias em um livro. “Vai ser como se a pessoa fizesse por si mesma o passeio pelo centro. Um pocket book. Histórias curiosas para presentear um amigo que venha para cá”, relata André. Escrita pelos próprios integrantes do grupo, a obra vai conter, além de cerca de 20 histórias, um conjunto de fotografias oriundas do acervo do Museu Joaquim José Felizardo e das pessoas que participa(ram) das caminhadas. “Elas intervêm, contam experiências delas naqueles lugares e tiram fotos”, diz sobre as imagens que traduzem o espírito colaborativo do projeto. Depois de tentar financiamento por outros meios, o grupo procurou o crowdfunding como alternativa. Pretendem arrecadar R\$ 15 mil, que André explica estarem divididos da seguinte forma: R\$ 10 mil para imprimir 2.000 exemplares, incluindo o projeto gráfico; R\$ 5 mil para a comissão do Catarse e o custo com transações por cartão de crédito, além de despesas com correio e confecção de 200 camisetas e 100 canecas, que fazem parte das recompensas aos apoiadores. “O livro já está escrito e poderíamos ter viabilizado por outros meios”, explica o publicitário, “mas decidimos buscar o financiamento coletivo para que as pessoas possam construí-lo conosco”.

Antonio Nader, 11 anos, escolheu o trombone como instrumento para estudar na Escola da OSPA



Novo modo de consumo

FOTOS: MARTINO PICCININI



O mote dos sites de financiamento coletivo tem sido o de possibilitar a execução de projetos que, de outra maneira, jamais tomariam forma. Seria um retirar da gaveta aquelas ideias em que, aparentemente, ninguém acredita. Na avaliação da psicóloga Bruna Costa, é uma forma de testar uma ideia, de entender se há aceitação de uma parcela do público. Com uma inquietação que a levou a procurar a pós-graduação, a agora mestra desenvolveu uma pesquisa sobre os discursos presentes em alguns sites de financiamento coletivo: além do Catarse, ela também estudou páginas como o Benfeitoria. Apesar de cada um ter sua particularidade, partilham de uma mesma dinâmica, que está baseada na doação de determinada quantia em troca de alguma recompensa. “Apesar de serem colaborativos, são uma nova forma de consumo”, opina sobre uma relação que acaba aproximando quem compra e quem vende.

Na opinião da pesquisadora, esse modo de financiamento de ideias tem algumas particularidades. A primeira delas seria o que Bruna descreve como “participação em algo maior”, ou seja, a possibilidade de se sentir incluída em algo que transcende o individual e toma um caráter coletivo. “Mas já não fazemos parte desse algo maior?”, questiona-se sobre o quanto, por vivermos em sociedade, já estamos incluídos nessa dimensão dos fenômenos que abrange princípios como o da cidadania. Outro aspecto detectado pela psicóloga é a necessidade de possuir uma boa rede de relações, normalmente sintetizada pelos três Fs: family, friends and fools – em inglês, família, amigos e bobos. Esses últimos seriam aqueles que apostam no projeto sem ter relação alguma com o idealizador. Os dois primeiros grupos, no entanto, seriam definidores, já que funcionariam como multiplicadores em suas próprias redes de contatos.

Além desses condicionantes, Bruna aponta a necessidade de dominar algumas habilidades bastante específicas para trabalhar com a internet, divulgar o projeto em redes sociais e mesmo para fazer os vídeos. Estes, aliás, são apontados por ela como definidores do sucesso do projeto. Nesse sentido, a psicóloga ressalta o discurso do site Benfeitoria como ilustrativo do que é preciso para um projeto obter financiamento por esse meio: deve ser sexy e divertido. “Isso escutamos muito sobre o consumo em geral, e eles indicam que colaborar também tem que ser assim. Será?”, pergunta-se. “Talvez, tenha que ser responsável e ético”, pondera. Apesar das limitações dessa forma de consumo, Bruna entrevê aí uma possibilidade de “oxigenação”, de reunir pessoas ao redor de ideias que escapam da lógica do marketing mais tradicional, sendo, neste caso, o baixo risco e o alto retorno os ditames predominantes.

Credibilidade – Uma das principais particularidades do crowdfunding é o uso das plataformas digitais como meio de arrecadação. Se antes as ações entre amigos, rifas e outras formas de juntar dinheiro já possibilitavam reunir um grupo de pessoas em prol de uma causa, foi o advento da web 2.0 e suas possibilidades de interação o que permitiu o surgimento dessa relação que, agora, transcende a presença física. De

acordo com o professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS Alex Primo, é o próprio sistema que incentiva o uso das redes e de amigos para compartilhar informações sobre as iniciativas e, assim, viabilizá-las. “É a rede que garante a credibilidade do processo”, destaca. Entre as questões referentes a essa crença no crowdfunding está a efetiva utilização do dinheiro arrecadado. “Uma das coisas que assegura isso são as primeiras pessoas que entram no sistema, como amigos e família. O proponente não vai querer trair as pessoas mais próximas”, explana. Para o docente, há aí indícios de uma consciência do coletivo e uma confiança de que o proponente vai cumprir o que está prometendo. “Não é apenas a lógica de que há um público comprador que um empresário quer oprimir e sugar”, diz.

Fuga da burocracia – A partir desse raciocínio, o professor do curso de Especialização em Economia da Cultura da UFRGS Leandro Valiati aponta que, no financiamento coletivo, é o desejo do indivíduo que predomina, e não o que é mais válido do ponto de vista social. Em sua análise, marcada pela lógica da produção cultural – seu campo de especialização e de onde provém a maioria dos projetos financiados dessa forma –, essa tem sido uma possibilidade de desvincular as produções mais inovadoras da dinâmica burocrática e engessada das políticas de fomento oferecidas pelo Estado. Ele cita como exemplo as leis de incentivo à cultura baseadas na renúncia fiscal. Por mais que um produtor tenha a sua ideia aprovada pela instância pública, ainda precisa buscar o patrocínio na iniciativa privada. Assim, artistas já consagrados e produtos de sucesso notório ganham a maioria dos apoios, já que as empresas veem aí uma maior possibilidade de trabalhar a própria imagem. “A inovação tem de se distanciar do setor estatal para poder ganhar vida e acontecer plenamente”, ressalta. “O Estado”, diz, “tem de criar políticas públicas que permitam essa inovação.” Esse ciclo de consumo proposto pelo crowdfunding tem o mérito de aproximar a oferta e a demanda, ou seja, quem vende e quem compra, sem a necessidade de intermediários.

O setor, porém, ainda tem muito a crescer no Brasil. Alex Primo menciona o fato de no país projetos de design de produtos serem pouco frequentes. Como exemplos de sucesso no mercado estadunidense, o pesquisado cita o relógio Pebbles – que tem tela semelhante a um leitor digital de documentos – e a boneca Lammily – desenhada de forma realista a partir das medidas e proporções de uma adolescente de 19 anos. “É uma forma de resistência à grande indústria, de viabilizar projetos que não recebem atenção”, complementa. O que certamente facilita esse processo nos Estados Unidos e na Europa, além de essa dinâmica já estar instalada há mais tempo e, portanto, ser mais madura, é o fato de as taxas dos sites de lá serem bastante mais baixas que no Brasil: enquanto no país elas superam os 10% do valor total do financiamento, no estrangeiro chegam a ser de 3 ou 4%. As plataformas se defendem alegando que essa diferença se deve à alta carga tributária nacional.

As fotos que ilustram esta página integram a exposição *África, oi! Pembam tchau!*, exibida de agosto a setembro de 2012 na Usina do Gasômetro. A mostra foi viabilizada por meio de financiamento coletivo pelo estudante de Design da UFRGS Martino Piccinini